



Crimório

De

Hécate

N



Copyright © 2005 Rick Riordan

Esta obra é uma ficção baseada em personagens fictícios da obra de Rick Riordan. Criada de fã para fãs sem visar qualquer tipo de lucro. Proibida a venda, aluguel, ou qualquer tipo de comercialização de todo ou parte do conteúdo, escrito ou gráfico. Se você pagou por isso, foi passado para trás.

Revisão

Beatriz Luna

Annabeth Chase, Acampamento Meio-Sangue e qualquer outro nome retirado de Percy Jackson são propriedade de Rick Riordan, 2005 All rights reserved ®

Alabaster C. Torrington é propriedade de Haley Riordan, 2010 All rights reserved ®

Editora Intrínseca LTDA, todos os direitos reservados ®

Material não aconselhável para menores de 14 (quatorze) anos por conter cenas de violência leve, lutas e linguagem forte.

Assunto: Mitologia.

*Agradecimentos*

*Primeiramente a Deus (sim, o com “D” maiúsculo, o metafísico)*

*A meus pais, que me fizeram.*

*A Beatriz (Vulgo Beatriz Luna), minha namorada, por ser a primeira a ler e  
revisar*

*A Rick Riordan pelos personagens e criações fantásticas*

*A todos que me acompanharam desde a idéia inicial do projeto.*

*E a você, por ler esta história.*

*Boa Leitura.*

*Dedicado ao pessoal do grupo dos Heróis do Olimpo.  
Obrigado por sempre estarem comigo. Essa história é pra vocês.*

**Na área de desembarque da** Penn Station fazia um certo calor. Isso se comparado com o clima lá fora. Guilherme aguardava, pacientemente, a chegada das amigas Nina e Thaliny. Amanda e Regulus completavam o time que esperavam pelas irmãs. O trem, saído de Massachusets para Washington DC, sofreu um pequeno atraso. Muito provavelmente pelo mal tempo. Nevava até alguns minutos atrás no trajeto o que forçou a composição à diminuir sua velocidade.

Guilherme, assim como seus amigos, veio preparado, não só para um possível ataque de monstros, como também ao frio em si. Uma grossa camisa de lã estava jogada em cima da mochila que repousava ao lado de suas pernas. A touca e as luvas também foram removidas. A diferença de temperatura entre à área de desembarque de Penn Station e o mundo fora dela era de uns 15° aproximadamente. Amanda, também sem sua blusa de lã, estava sentada em um dos bancos. Regulus, com os cabelos completamente desgrenhados depois de tirar a touca, preferia esperar de pé. O trem já estava para chegar. Amanda parecia a mais paciente dos três. Guilherme sempre tentou manter a calma na sua vida, mas ser filho de Ares deve diminuir um pouco seu pavio.

A estação estava mais cheia do que de costume. Com a chegada do natal, as pessoas viajavam com mais frequência. Iam visitar parentes, vinham visitar parentes, turismo... o Rockefeller Center sempre recebia muitos turistas nessa época. Alguns para apreciarem à patinação no gelo. Outros, a estátua de Atlas. Se os mortais soubessem que Loki, deus asgardiano da travessura matara o titã no verão passado...

Regulus foi quem quebrou o silêncio ao avistar as amigas:

– Alí!

Caminhando na direção deles estavam as gêmeas Nina e Thaliny.

Não estavam muito diferentes desde a última vez que Guilherme as viu. Os mesmos cabelos de sempre e expressões sacanas. Thaliny, por alguma razão, andava de maneira engraçada e parecia mais apressada que a irmã.

– Oi gente! – disse ela, arremessando mochila, blusa, luvas e touca no peito de Guilherme, ficando apenas com seu iPad.

Passou por eles e nem os cumprimentou direito. A menina foi caminhando de forma estranha. Parecia que praticava marcha atlética. Dobrou um corredor e seguiu direto.

– O que deu nela? – perguntou Amanda assim que Nina se aproximou.

– É uma idiota! Encheu o fundo de refrigerante na viagem e depois dormiu. Acordou já aqui, morrendo de vontade de fazer xixi e não teve tempo de usar os banheiros do trem.

Amanda riu baixinho e depois cumprimentou a amiga. Regulus também a cumprimentou e por fim, Guilherme.

– Como foi a viagem? – perguntou ele.

– Bem! Apesar da demora, foi tudo bem! Onde está Annabeth?

Guilherme, Amanda e Regulus se entreolharam. Era difícil explicar o porque da garota não estar ali.

– Ela não pôde vir – respondeu Guilherme. – Sabe, ela e Percy ainda estão se preparando para irem onde precisam ir. Ele precisa perder a Maldição de Aquiles.

Nina deu de ombros, talvez esperasse pela resposta. Depois, se desvencilhou da mochila, colocando-a no chão. Tirou sua blusa e a jogou por cima de um dos ombros.

– E aí? – perguntou Regulus. – Como foi lá seu primeiro período em Havard?

Nina, Thaliny e Annabeth estudavam na maior universidade americana. Talvez a maior do mundo! Nina e Thaliny, em alguns finais de semana, retornavam para ver seus amigos do Acampamento Meio-Sangue, mas não podiam fazer isso sempre. Annabeth, por sua vez, voltava todos os finais de semana que podia para ficar com seu noivo, Percy. Com a proximidade do natal, a universidade as dispensou para que pudessem passar as férias de inverno junto com a família. Annabeth voltara alguns dias antes, pois tinha mais horas extras na faculdade e melhores notas também.

– Conseguiu se comunicar com ele nesse período? – perguntou Amanda. Nina fez que não com a cabeça.

– Nenhuma mensagem de Íris sequer. É estranho! A deusa diz que a mensagem não pode ser completada. Diz que eu sei para quem eu quero ligar, mas é como se tivesse esquecido o número. Muito estranho.

– Você ainda vai revê-lo, calma – Amanda se aproximou da amiga e a abraçou. Era engraçado como a filha de Afrodite, mesmo tendo apenas seus quinze anos, parecia entender mais de relacionamentos do que Nina, já com seus dezoito.

– Alguém quer um refrigerante? – perguntou Regulus, sem nenhum tato. – Quer dizer... eu estou com sede e vou buscar um para mim. Alguém se interessa?

– Traz um pra mim – disse Guilherme, lhe dando o dinheiro e tentando tirar o amigo da saia justa. – De laranja, por favor.

Regulus saiu para comprar o refrigerante. Enquanto isso, Nina sentava em um dos bancos disponíveis. Amanda sentou-se ao seu lado, Guilherme continuou de pé.

– Será que ele se esqueceu de mim? – perguntou Nina.

– O Wellington é um cara legal – falou Guilherme, se sentindo meio deslocado e tentando agradar de alguma forma. – Se ele não se comunicou ainda deve ser porque teve um bom motivo.

– Guilherme tem razão – disse Amanda, abraçando a amiga de novo. – Ele vai aparecer novamente.

– Sei lá... talvez eu seja meio idiota... mas fantasiei que ele estaria aqui hoje. Desejei muito isso. Queria que ele estivesse aqui mais que Annabeth – Nina forçou um risinho.

Guilherme abaixou a cabeça. Não sabia o que falar para consolar a amiga. Wellington não sumiria por a garota ser feia, com certeza não! Nina e Thaliny era muito bonitas. Só um louco faria isso. Por algum momento, Guilherme pensou nas meninas mais bonitas do acampamento. Piper Mclean, Drew Tanaka, Annabeth, Rachel... a grande maioria já comprometidas, seja com outros caras ou com seus votos de não namorar. A própria Amanda, sentada próximo de Nina, era uma das mais bonitas do acampamento, mas a menina se preocupava mais em juntar casais do que em namorar. Será que alguém havia partido seu coração? Mas ela andava sempre tão sorridente. Os devaneios de Guilherme foram perdidos quando, pelo canto do olho, ele avistou Regulus levar um baile da máquina de refrigerantes. O rapaz era atrapalhado como um menino de sete anos, embora tivesse quase dezessete. Vivia caindo, tropeçando e quebrando coisas. Sempre se envergonhava depois e pedia mil desculpas, mas ninguém se chateava. Regulus era boa gente demais e todos viviam dando altas gargalhadas com ele. O filho de Dionísio, depois que finalmente conseguiu os refrigerantes, caminhou de volta.

– Máquina imbecil – reclamou ele, lançando a latinha de laranja para Guilherme e dando um grande gole na sua Coca zero. – E cadê a Thaliny? Ainda não voltou?

Amanda, Nina e Guilherme ficaram surpresos. Esqueceram que Thaliny saíra a mais de 15 minutos. Todos se voltaram para Nina.

– Ela foi fazer só o número 1? – perguntou Regulus, jeitoso que só.

– Ela não costuma usar outros banheiros pra isso que não o de casa – respondeu Nina, meio que com sorriso bobo na cara. – Não sei porque ela está demorando tanto!

– Se quiser, eu vou lá ver – falou Regulus.



– E como vai conseguir entrar no banheiro, gênio? – perguntou Guilherme.  
– Vai jogar seus cachos na cara, afinar a voz, e se passar por mulher?  
– Ah é! – Regulus deu um sorriso bobo.  
– Eu vou! – disse Nina. – Me esperem aqui!  
– Negativo – impediu Amanda. – Você está cansada da viagem e esse tipo de coisa é sempre suspeita, precisaria de mais energia se algo de ruim tiver acontecido. Eu vou.

Guilherme quis que fosse paranóia de Amanda, mas não era. Um meio-sangue sempre poderia estar em perigo. Depois que Loki começou a revolução em Asgard e matou alguns dos deuses gregos, os ataques de monstros começaram a piorar. Parecia que farejavam não só o cheiro dos semideuses, mas também seus medos.

Amanda caminhou na direção em que Thaliny seguiu. Minutos depois ela voltou correndo, desesperada, com o iPad da menina nas mãos

Guilherme xingou um palavrão quando Amanda retornou apenas com o iPad. Seus sentidos não avisaram que estavam em perigo como sempre faziam. Foi desse jeito que ele chegou ao Acampamento Meio-Sangue. De repente, nada em sua casa parecia familiar. Suas roupas, seus livros, videogame. Sua *família* não parecia mais familiar. Descobriu que todos estavam mortos. *Monstros* tinham tomado seu lar e agora o queriam para a refeição. Seu sátiro chegou pouco tempo depois da descoberta, salvando-o e o levando até o acampamento. Agora, não sentiu nada de anormal na estação, mesmo *nada* ali lhe sendo familiar. Por causa disso, Thaliny desapareceu.

– O que fazemos agora? – perguntou Nina, tirando-o de seus devaneios. – Pra onde será que ela foi? O que aconteceu com ela?

Guilherme imaginou que a menina devia se culpar *demais*. Há poucos instantes estava pensando em Wellington. Com isso, não pensou na irmã e agora ela sumiu.

– Me empresta isso aqui – disse Regulus, tirando o iPad das mãos trêmulas de Amanda e mexendo na tela, que estava travada com uma combinação numérica. – Hã... – ele se virou para Nina. – Você sabe a combinação?

– Pra que você quer fazer isso agora? – a paciência de Guilherme com o amigo estava acabando.

– Ah, sei lá... sabe como são as garotas... talvez estivesse tirando *selfies* na frente do espelho, sei lá. Quem sabe não tem uma dica do que ocorreu?

Nina suspirou. Estava quase chorando quando pegou o iPad e digitou a combinação.

A tela estava escura. Parecia que estavam na galeria de vídeos do aparelho. Nina apertou o play e seus olhos se arregalaram quando começou a ver o vídeo. Guilherme, Amanda e Regulus aproximaram-se todos para poderem ver melhor. Como os fones ainda estavam plugados, não conseguiram ouvir o início. Nina pausou o vídeo justo no momento que um rapaz claro, de cabelos castanhos, olhos verdes e sardas no rosto entrava em foco. Ela retirou o fone, voltou o vídeo e deu play novamente.

Parecia um mundo diferente.

Ainda era o banheiro feminino da área de desembarque da Penn Station. Os espelhos, as pias, as cabines sanitárias e o logo invertido da estação em alguns dos espelhos provava ser dali. Mas estava diferente. A começar, parecia que a maioria das luzes tinham sido apagadas. As paredes, nas áreas mais escuras, tinham símbolos indecifráveis. Vários deles brilhando em um tom verde fluorescente. O menino entrou em foco de novo. Antes de começar a falar, ele direcionou a câmera do iPad na direção de Thaliny, que estava caída no chão, com uma espécie de mordaca na boca e cordas prendendo suas mãos e pés para trás. Mas não eram mordacas e cordas comuns. Elas também eram mágicas, emitindo o mesmo tom de verde dos símbolos das paredes.

– Vocês não me conhecem – disse o rapaz no vídeo. – E é melhor que nem me conheçam. Eu também não conheço vocês, mas isso não importa. Se quiserem a menina viva, encontrem-me no Central Park em 40 minutos.

A tela escureceu, mas o vídeo continuava. Alguns segundos depois, um símbolo surgiu no meio da tela. O iPad então começou a derreter. Nina o largou de imediato. O aparelho caiu no chão e desintegrou-se por completo. Apenas uma mancha escura restou no local.

– O banheiro não estava daquele jeito quando eu entrei – informou Amanda. – Estava normal e... vazio. Havia uma placa dizendo que estavam limpando. Quase não entrei. Mas minha curiosidade falou mais alto. Não havia ninguém limpando, apenas o iPad de Thaliny caído onde ela estava no vídeo.

– Precisamos ir até lá – falou Guilherme. – Nina, nós estamos preparados, e você?

Guilherme sacou uma moeda de bronze da mochila. Mostrou que lá dentro havia um pouco de néctar e ambrosia. Amanda e Regulus fizeram o mesmo. Nina assentiu. Disse que também possuía uma das moedas de bronze, e que na mochila de Thaliny tinha outra. Eles pegaram a moeda na mochila da menina sequestrada e dinheiro, caso precisassem. Para não terem um peso extra, resolveram deixa-la nos achados e perdidos da estação.

Pegaram o metrô e seguiam rumo à estação do Central Park. Não eram muitas estações de distância, mas deveriam se cuidar. Em Nova Iorque, o metrô é traiçoeiro. Não só pelo fato de monstros viverem no subterrâneo, mas também porque uma voltinha, dependendo do caminho que se faça, vira uma voltona.

Os símbolos nas paredes no vídeo que viram deixou Guilherme intrigado. Tinha certeza que já os vira antes, embora não conhecesse o rapaz. Quando começou a falar sobre eles, Amanda demonstrou ter o mesmo pensamento.

– Sim! Parece com os símbolos de dentro e de fora do chalé 20. O chalé de Hécate.

– Um filho de Hécate? – perguntou Regulus. – Por que ele não está no acampamento? Pra que sequestrar outro meio-sangue?

Com a visão periférica, Guilherme viu Nina apertar sua mochila mais forte do que deveria quando Regulus fez a pergunta. Ele entendeu que para Nina, talvez o porquê não fosse importante. Ela o faria pagar por ter sequestrado à sua irmã.

A viagem levou cerca de 25 minutos devido algumas pequenas interrupções. No trajeto, tentaram bolar um plano para o encontro. Nenhum deles parecia bom o bastante, ainda mais sabendo que o sequestrador era filho de Hécate. Nem ao menos tinham idéia do porquê o Central Park ter sido escolhido para que se encontrassem. Mesmo com frio, deveria haver pessoas transitando pelo local. Daria muito na vista. Guilherme ponderou em pedir para um dos três, talvez Nina, para evitar que sua vontade de *detonar* com o rapaz pudesse atrapalhar, que fosse até o apartamento de Percy, não muito longe dali, para pedir ajuda. Mas se lembrou que Percy talvez nem estivesse em casa e se estivesse, poderia estar ocupado com Annabeth bolando estratégias para ir até o local onde iriam para perder a Maldição de Aquiles. Outro fato passou por sua mente. Teria o Central Park sido escolhido por conta da entrada grega para Asgard? Depois que a guerra dos deuses terminou, os gregos prometeram que deixaria os nórdicos em paz, mas e se a entrada ainda funcionasse? E se o rapaz tivesse se aliado a eles? O que quer que fosse, Guilherme achou que descobriria assim que se encontrassem com o sequestrador.

E ele estava lá, parado, num local não muito afastado. Estava de braços cruzados, parecendo uma estátua. Como estava de costas, Guilherme pensou em atacar de uma vez e acabar com aquilo. O problema era que Thaliny não estava à vista, isso o deixou preocupado. Poderia haver uma armadilha mágica.

Talvez, se o sequestrador morresse, Thaliny seria morta também ou algo do tipo. Guilherme resolveu esperar.

O dia estava realmente muito frio. No caminho até o rapaz, Guilherme ouviu uma ou duas pessoas reclamando que fazia mais frio que no ano passado. Amanda, Nina e Regulus caminhavam com dificuldade, como se doesse deixar aquele ar gelado entrar nos pulmões. O próprio Guilherme não estava em condições muito melhores. A única diferença entre ele e o outros, se deu ao fato de que era filho de Ares. A batalha iminente o despertava, gerava calor, o calor da batalha. Tudo que um guerreiro precisaria ter.

Quando chegaram mais perto, ele pôde dar uma olhada melhor no sequestrador, o que não dava para ser feito pela tela do iPad, no vídeo gravado.

O rapaz era alto mas esguio. Não tinha mais do que dezoito anos, mas a voz no vídeo sugeria talvez que ele pudesse ser mais novo. Mesmo o grupo se aproximando, Thaliny ainda não podia ser vista.

– Que bom que vieram – disse o rapaz, que já tinha se virado. – Estão atrasados! Achei que não vinham mais e que a menina não significasse nada.

– Cadê minha irmã? – perguntou Nina, nervosa, o que foi um erro na concepção de Guilherme. Não tinha como o rapaz saber que Thaliny era sua irmã. Se fosse pedir um resgate, a quantia subiria consideravelmente a partir de agora, o que também não quer dizer nada. Thaliny e Nina era podres de ricas.

– Em um local seguro – limitou-se a responder o rapaz. – Mas ela estará em maus lençóis se não fizerem o que eu pedir!

– E se não cooperarmos? – testou Guilherme.

– Não estão em posição de negociar. A menina morre se desobedecerem. Ela está em um lugar seguro, mágico. Mas a magia pode se tornar perigosa se não forem legais comigo.

– E o que você quer? – perguntou Amanda. Talvez, a mais corajosa do grupo, pois era a que menos demonstrava medo, embora Guilherme soubesse que aquela menina meiga e romântica devia estar tão destruída por dentro quanto eles.

Agora que estavam mais próximos, Guilherme pôde ver vários símbolos espalhados pela roupa do rapaz. Alguns, pareciam que estavam tatuados em sua pele branca.

– Quero algo que foi roubado. Não deveria estar com quem está agora. Enormes catástrofes podem acontecer se for usado.

– E o que foi esse algo roubado? – perguntou Regulus, nervoso. – Sua vergonha na cara sequestrando uma meio-sangue?

O rapaz sorriu. Suas olheiras eram as piores que Guilherme já tinha visto, sinal que o sequestrador ficara vários dias acordado. Aquilo poderia lhes dar uma vantagem. Mas sem saber de Thaliny, ele não poderia arriscar nada.

– Primeiro, quero ver minha irmã!

Ele assentiu. Depois, começou a movimentar as mãos no ar, que tremeluziu e mostrou Thaliny. A imagem aparecia ao ar livre, como se uma televisão tivesse sido instalada do nada, no meio do Central Park. Thaliny, aparentemente, estava bem. Ainda tinha a mordaça e as cordas, mas parecia serena... dormindo.

– Ela... ela está? – Nina não conseguia completar a frase.

– Morta? Não, de forma alguma. Nem envenenada. Pus um feitiço nela para que hibernasse. Acho melhor voltarem logo com o que eu quero, caso contrário, quem sabe, ela nunca mais acorde.

– O que foi roubado? – Amanda agora exibia um semblante mais sério, de poucos amigos. – Desembucha!

– Sou filho de Hécate, como devem ter percebido. Uma de minhas irmãs, um *monstro* antigo da mitologia, o roubou. Não tenho idéia para o que ela vai usa-lo, mas aposto que será *contra* mim. Ela sempre tentou me matar – o rapaz fez uma pausa, parecia que buscava confiança para falar o restante. – Ela roubou o grimório pessoal de Hécate. Sabe-se lá mais o que ela pode fazer com ele em mãos.

– Isso aconteceu há quanto tempo? – perguntou Guilherme.

O rapaz demorou um pouco para responder. Suas olheiras pareciam maiores. Guilherme imaginou que talvez fosse por isso que ele não respondera de imediato. Será que ele tinha alguma noção de quanto tempo se passara desde a última vez que dormiu?

– Ela o roubou há dois dias atrás – conseguiu dizer.

Guilherme suspirou. A mulher já devia estar usando o grimório. Seu descontentamento foi visível, pois os amigos o olhavam, na verdade, até o rapaz o olhava. Ele tentou permanecer calmo, respirando devagar, mas o frio e a raiva o impediam. Não entrava ar o suficiente nos pulmões e, quando entrava, parecia que seriam rasgados pelo gelo. Amanda se aproximou do amigo. Pôs uma das mãos em seu peito e o ajudou a respirar melhor. Se tinha algo que mais chamava a atenção de todos em relação à Amanda, era sua disposição para ajudar.

– Obrigado! – disse Guilherme. Amanda apenas sorriu. Ele se virou para o rapaz. – E se ela já usou o grimório? Que chance teríamos?

– Ela ainda não o usou – falou o sequestrador.

– Como tem certeza? – perguntou Nina, aflita, mas não tanto quanto há minutos atrás.

– Porque ele é selado por uma magia poderosa. É necessário duas pedras especiais para poder liberar o selo. A primeira, é essa aqui.

O rapaz sacou de seu bolso um anel grande, desses que se cobre quase meio dedo. O Anel tinha uma pedra redonda no centro, de um azul claro e brilhante.

– É de Lápis-lazúli. O símbolo esculpido nela é um *Strophalos*, a roda de Hécate.

No centro da pedra, havia um pequeno símbolo circular. Com algo que lembrava uma estrela ninja no meio e outro que parecia uma das formas do Pokémon *Unown*.



– Você disse duas pedras – lembrou Regulus. – Onde está a outra?

– Com ela. Uma pedra de alabastro. Pedra essa que deu origem ao meu nome... Alabaster.

Guilherme entendeu o porquê do rapaz ter contado seu nome.

Com isso, esperou ganhar a confiança de todos, faze-los terem um algo a mais na busca pelo grimório.

– Por que não vai você mesmo busca-lo? – perguntou Nina. – Por que envolver minha irmã nisso?

– É exatamente o que Lâmia quer. Quer que eu vá para me matar e roubar meu anel. Assim, ela conseguiria abrir o grimório e ter acesso aos seus poderes. Não podemos deixar que isso aconteça.

– Se ela é tão poderosa, por que ainda não veio até aqui, te matou, e roubou seu anel? – perguntou Amanda.

– Minha magia também é forte. Sei me esconder muito bem dela, principalmente nos últimos anos, quando minha capacidade mágica aumentou consideravelmente. Entendam, se não fosse *tão* arriscado eu ir até lá e pegar o livro eu mesmo, e se Lâmia pudesse ser morta, *com certeza* eu já teria pego o livro de volta.

– Peraí, peraí, peraí, tempo! – cortou-o Regulus, fazendo um *T* com as mãos. – Quer que a gente vá atrás de um monstro que nem *morrer* pode? Como espera que consigamos recuperar o livro?

– Seu *modus operandi* a mim, não interessa. Se vão criar uma armadilha, se vão tentar mata-la, enfim. O importante é recuperar o livro. Vocês têm 6 horas. Depois disso, a menina morre.

A presunção de Alabaster, se esse fosse o nome real do sequestrador, era demais para Guilherme aturar. Mais cinco minutos de conversa e ele tinha quebrado todos os dentes daquele cara, mesmo ele sendo um mago poderoso ou não.

6 horas poderiam não ser o suficiente para completar a missão. Ok, o idiota lhes deu uma direção para seguir, segundo ele, o último local onde Lâmia estivera, mas isso não ajudava muito. Com sorte, eles tinham pelo menos o *estado* de Nova Iorque inteiro para busca-la.

O frio era outro fator contra. Se já estava ruim com a luz do Sol, após anoitecer ficaria ainda pior, e *escureceria* no prazo de 6 horas. Sem contar que Guilherme não estava acostumado com aquilo. O Rapaz é brasileiro, saído de Goiania, uma das cidades mais quentes do país. Como desgraça pouca não é bobagem, Alabaster lhes dera uma pequena ampulheta. Quando a areia passasse completamente de um lado para o outro, eles teriam uma única certeza: Thaliny está morta.

Sem contar que Guilherme *acreditava* que estavam sendo seguidos. Durante algum tempo, achou que fosse Alabaster, mas depois lembrou-se de ter sentindo a mesma sensação durante a conversa com o filho de Hécate. Olhou de relance para o alto de uma das últimas árvores do Central Park. Por ela estar coberta de neve, conseguiu ver muito bem duas figuras negras à espreita. As duas *coisas* pareciam olhar diretamente para eles. Guilherme cansou daquele joguinho de perseguição e resolveu que deveria observá-las diretamente.

Dois corvos. Com penas, patas e bicos tão negros quanto a noite. Os olhos, que mesmo longe Guilherme sentia como se estivessem observando dentro de sua alma, eram vermelho sangue. Quando eles finalmente saíram do Central

Park, as aves levantaram vôo, provavelmente procurando um outro ponto de observação.

Saíram próximos à estação de metrô Columbus Circle. Virariam para uma rua qualquer não fosse por Regulus ficar parado olhando para o nada. Às vezes esse tipo de coisa irritava Guilherme. Regulus era um bom amigo sim, e o fato de os dois serem brasileiros faziam eles se sentirem menos deslocados no acampamento, mas seu tato, se antes era pequeno, agora deixara de existir. Onde já se viu fazer-los perderem tempo daquele jeito?

Foi aí que Nina virou para a direção que Regulus olhava. E depois Amanda e por último Guilherme...

De onde estavam, quase que em linha reta, dava para ver um enorme feixe de luz azul subindo aos céus. O problema, é que era óbvio demais.

– Armadilha! – falaram todos eles ao mesmo tempo.

– Nina, você foi quem mais viveu aqui em Nova Iorque – disse Amanda. – Alí é *onde* estou pensando?

– Sim. A Estátua da Liberdade!

– Isso é um convite – falou Regulus. – Lâmia está convidando Alabaster para ir até lá.

– Bem provável – concordou Guilherme, surpreso por Regulus pensar como ele. O garoto não era do tipo o mais inteligente. Se falou algo que os dois pensavam igual, ou Regulus estava ficando mais inteligente, ou Guilherme mais... enfim.

– Temos um elemento surpresa então – disse Amanda, praticamente tomando a frente, determinada. – Segundo Alabaster, Lâmia não sabe onde ele está. Provavelmente imagina que está pelas redondezas mas... Nova Iorque é imensa! Deve imaginar que Alabaster está desesperado e que iria atrás do grimório. É aí que entramos!

– Precisamos nos apressar! – disse Nina, aflita. – Se pegarmos o metrô, chegaremos em Battery Park em alguns minutos! De lá, pegamos uma balsa até Liberty Island, onde fica a estátua!

– Mas será que tem balsas indo pra lá hoje? Nesse Frio? – indagou Regulus.

Regulus estava agora saindo melhor do que encomenda ou talvez as pessoas tivessem uma ideia errada sobre ele.

– Damos um jeito quando chegarmos lá! – disse Guilherme, com um brilho de esperança nos olhos. – Vamos ganhar muitos minutos com isso. Teremos *tempo* de pensar em alguma coisa.

E assim, os jovens compraram de novo seus bilhetes de metrô.



O metrô era muito confuso. *Muito mesmo*. Guilherme se lembrou de uma viagem que fez há alguns anos atrás para São Paulo para visitar uma tia (pois Goiania ainda não tinha metrô). Lá, ele andou de metrô pela primeira vez e, apesar das queixas frequentes dos paulistanos de quê era apertado, abafado e a velocidade constantemente era reduzida, Guilherme ficou maravilhado. Os mapas, quase sempre era bem legíveis e não havia como se perder naquele local, pelo menos foi o que pensou, até sua mãe e ele ficarem perdidos. O de Nova Iorque era exatamente o oposto. Trens que não paravam em determinadas estações, linhas aos montes, mais de uma estação praticamente no mesmo lugar que, se entrar por uma entrada específica e era para entrar noutra, ou se dava uma volta enorme ou saía e pagava de novo. Felizmente, Nina conhecia bem o lugar.

– Como sabe que esse é o melhor caminho? – perguntou Amanda. A menina da Califórnia não era do tipo que apreciava metrôs. Parecia mais daquelas que andava de carro conversível à beira da praia. Guilherme sabia que ela vinha de uma família rica, mesmo sempre demonstrado muita humildade. *Ninguém* que saía de Long Beach não tinha, pelo menos, alguns milhões esperando na conta.

– Bem... – Nina corou. – Já fiquei com um menino por lá... em Battery Park.

– Sério?! – perguntou Amanda, maravilhada! – Como foi? – de repente, encontrar Thaliny talvez não fosse mais o objetivo principal.

– Uma bela de uma porcaria! Ele não queria apenas *ficar*. Bem, ele planejava *outras* coisas já. E como eu tenho uma gêmea canadense... ele achou que podia ficar com tudo.

O sorriso desapareceu no rosto de Amanda tão rápido quanto surgiu no de Regulus. A situação quase fez Guilherme esquecer uma coisa. Algo que ele deveria ter dito antes, porque podiam cair, e feio, na armadilha de Lâmia.

Então, ele contou sobre os dois corvos que pareciam observa-los.

– Ai meu Zeus! – disse Regulus. – Só agora você avisa?

– Realmente. Dois corvos parados no Central Park, nesse inverno, é realmente muito estranho – comentou Amanda.

– Vocês tem razão – Nina parecia preocupada. – Podemos entrar numa furada das grandes. Desçam na próxima estação, eu vou atrás de Lâmia e resgatarei Thaliny.

As palavras da menina entraram no coração de Guilherme como chumbo. Sua mão ficou trêmula, a respiração pesada e o estômago embrulhado. Eles não poderiam se preocupar com armadilhas. Eram meios-sangues, foram

treinados para isso. Se fosse para morrer, que morressem lutando, tentando, e não deixando que a amiga morresse. Pensar naquilo fez Guilherme se sentir mais revigorado. A guerra estava em seu sangue, se tivessem que bater de frente com a morte, então a morte precisaria se esforçar um pouco mais para leva-los. O corpo de Guilherme talvez estivesse emanando algum tipo de energia revigoradora, pois todos os outros *pareciam* estar mais encorajados, *determinados*.

Devido à velocidade reduzida, a viagem levou cerca de 20 minutos a mais do que levaria, o que ainda estava bom, tinham mais de 4 horas para o prazo final.

E o frio piorou ainda mais próximo ao Battery Park.

Guilherme tremia. Cruzou os braços para tentar se aquecer mas não adiantou. Alguns passos a mais e já estava com as mãos nos braços, à altura do peito, procurando desesperadamente subir a temperatura do corpo. Seus amigos estavam na mesma situação. Caminharam mais um pouco a fim de chegar ao cais. *Tinha* que ter uma balsa para leva-los, se não, procurar uma outra maneira de chegar à Liberty Island naquele frio seria impossível, morreriam congelados.

Mais alguns metros a frente e eles entenderam o porquê.

Primeiramente, nenhum mortal estava pelas redondezas, o que era bom. O frio estava tão intenso, que Guilherme imaginou que os mortais não gostariam de permanecer ali. O feixe de luz azul permanecia sendo disparado aos céus. Saía direto da cabeça da estátua. O mais estranho, era a figura parada próximo ao cais, de costas, no meio de outras.

Tinha próximo a ela, gigantes de gelo. Os *nórdicos*, que tentaram invadir o Acampamento Meio-Sangue, vindos direto de Jotunheim. Pele roxa e cristais de gelo moldavam à aparência das criaturas, que vestiam roupas sujas e gastas. Mais afastados, estavam três dos monstros de seis patas. Tinham uma boca enorme. As presas da mandíbula inferior eram grandes demais para ficarem dentro das bocas. Suas peles eram azuis e úmidas, parecida com a dos anfíbios. O mais curioso eram os pequenos olhos na frente das cabeças que não pareciam ser bons para enxergar de longe. Apesar de não parecer que tinham narizes, Guilherme lembrou que eles eram ótimos farejadores.

Mas a figura do meio... era muito mais estranha... a começar, ela não era grande como os outros. Deveria ter um metro e setenta, no máximo. Usava um vestido branco, sujo e em frangalhos. As mangas não ficavam nos ombros e sim caídas nos braços.

A mulher se virou.

Tinha uma feição cansada, embora talvez já tivesse sido muito bonita. As mãos exibiam unhas de quase 15 centímetros, curvas e amareladas. Estava descalça. A situação das unhas dos pés não eram muito melhores que as das mãos e, apesar do vestido fino, não parecia sentir frio algum.

– Quem são vocês? – disse a mulher, com uma voz bela demais que não combinava em nada com sua aparência magra e frágil. – Esperava que *outra* pessoa viesse até aqui.

Um dos Bichos de Seis Patas rosnou e ameaçou nos atacar, mas a mulher levantou um dos braços, e pareceu que fez um esforço enorme para isso, e o impediu.

– Mudança de planos – debochou Guilherme. – Quem é você? – enquanto perguntava, o rapaz sacou sua moeda e a esfregou. Em segundos, a moeda transformou-se em uma espada de bronze de quase um metro de comprimento. Amanda e Regulus fizeram o mesmo. Apenas a arma de Nina era diferente. Um arco brotou em suas mãos e uma aljava com flechas de bronze celestial surgiu magicamente em suas costas.

Os monstros não pareceram assustados, tampouco a mulher magra. Ele sabia que as criaturas morreriam apenas com fogo, por isso o bronze celestial não era intimidador. Amanda cochixou alguma coisa sobre a tal mulher ser anoréxica, mas Guilherme não teve certeza se foi isso mesmo.

– Entendi... – a mulher franziu o cenho e deu um sorriso de desdém. – Alabaster mandou outros no lugar dele, acertei?

– Você é Lâmia? – perguntou Regulus. Se antes a mulher imaginava que estavam ali por Alabaster, agora tinha certeza.

– Eu? Não, eu não sou Lâmia. Sou Gerda, a deusa mais linda do panteão nórdico.

– Hãaaa, com licença? A mais linda? Seu rosto até que é bonitinho sim, mas sua magreza e sua noção de moda... sei não. Difícil você ser considerada a mais bonita – falou Amanda. A deusa pareceu se ofender com o comentário.

– Isso foi depois que Freyr praticamente fez isso comigo! – esbravejou Gerda. – Eu era uma gigante, mas também uma deusa, a deusa da luz! Iluminava o céu escandinavo com minha beleza! A aurora boreal escandinava se deve a mim! Foi então que Freyr me viu e, encantado com minha beleza, apaixonou-se perdidamente – ela passou a mão pelo corpo como se fosse algo *sensual*.

– Desculpe pela franqueza – disse Regulus. – Mas é difícil de acreditar.

– Freyr mandou um de seus mensageiros até mim que me fez grandes propostas. Morar num castelo, viver na terra dos elfos da luz, Alfheim e tudo

mais, mas neguei. O mensageiro se revelou um poderoso feiticeiro me rogou uma maldição rúnica que me tornaria doente, feia e... devassa. Resisti por nove noites, mas não pude mais aguentar. Para evitar tudo isso, aceitei me casar com Freyr. Confesso que cheguei a ser feliz com ele, até, é claro, descobri que o idiota havia matado minha irmã Ninia, que sempre me sugeriu a voltar para casa. Sedenta por vingança, tentei mata-lo em uma de nossas noites de amor – ela fez uma pausa, engolindo em seco. Lágrimas começaram a escorrer pelo seu rosto. – Sabem o que é ir se deitar com o homem que matou sua irmã? Imaginam o nojo que senti de mim mesma? Não consegui terminar o serviço. Freyr me acorrentou e me enviou ao Nilfheim, como castigo. Desde então, venho sendo a deusa das almas perdidas. Mulheres que se matam por um amor não correspondido. Mulheres que perdem a vida nas mãos de maridos violentos... mulheres que nunca foram amadas... todas elas são responsabilidade minha.

A história da deusa era triste. Guilherme entendia agora o porquê dos trapos, da magreza, do cansaço. Gerda era uma mulher amargurada, deprimida. Parecia sempre em carne viva. Foi a vez dele engolir em seco.

– Me... me desculpe – disse ele.

– Mas isso não tem problema – ela limpava as lágrimas enquanto falava. – Lâmia me ofereceu uma solução. Disse apenas que eu o matasse Alabaster. Me disse que havia mudado de planos em relação a uma tal, que ela chamava de “minha senhora”. Um outro convite lhe fora feito, de alguém muito mais perturbador e poderoso, que lhe garantira que teria seus filhos de volta. Ela me prometeu que devolveria minha beleza e minha luz se eu a ajudasse, agora que a barreira entre gregos e nórdicos foi quebrada.

– Onde está Lâmia? – perguntou Guilherme.

– Onde você acha? No interior da cabeça da estátua! E para chegar até ela... – a deusa olhou para os dois gigantes e os três monstros de seis patas. – Apenas um é necessário para contar onde está Alabaster. Os demais, podem morrer.

E assim, os monstros atacaram.

O primeiro gigante de gelo saltou na direção do grupo. Guilherme conseguiu rolar para à esquerda, livrando-se da mochila. Ele viu com o canto do olho, seus amigos saltando para a direita. Mal se levantou, e sentiu uma pancada em um dos braços. Uma das criaturas de seis patas o atingiu, mandando-o alguns metros para longe. A dor era lascinante, mas por sorte, o que mais pegou em seu braço foi a palma da pata do bicho. Tinha umas manchas de sangue no

machucado, resultado das pontas das garras que o atingiram, mas seria muito pior se tivesse lhe atingido em cheio, pois aí no lugar não teriam as manchas... Guilherme não teria o braço.

Guilherme se levantou e se sentiu meio tonto, mas não podia se dar ao luxo de parar para respirar e recuperar a concentração, seus amigos não estavam lá muito bem. Amanda tinha um corte na testa. Regulus, por sua vez, tinha um no supercílio. Não era nada grave, mas qualquer corte naquele local *toma* o rosto inteiro de sangue. Guilherme não imaginava como o garoto ainda conseguia enxergar.

O monstro de seis patas saltou e parou bem à frente de Guilherme. Sugou o ar com as narinas e, depois de sugar quantidade o suficiente, disparou uma baforada gelada pela boca, acertando-o bem em cheio. Guilherme caiu de costas no chão. Seu corpo inteiro doía. O frio era intenso. Parecia que mil facas o espetavam em todos os lugares... espetavam não, *perfuravam*. Os dentes rangiam tanto que poderiam se quebrar a qualquer momento, e ele tremia por inteiro. O animal cercou Guilherme com suas patas e preparou mais uma baforada, desta vez, para congela-lo de vez. Foi quando algo chamou a atenção do monstro.

Videiras cresciam timidamente por suas seis patas e subiam em direção ao corpo. Não demorava muito, e seus ramos congelavam e se quebravam. Guilherme olhou para Regulus. O rapaz, mesmo com o rosto cheio de cabelo e sangue, fazia o máximo para que as vinhas crescessem no monstro e o impedisse de matar seu amigo. Não iriam segurar o monstro por muito tempo, mas Regulus dava a Guilherme a chance de se manter vivo.

O filho de Ares ficou nervoso. Suas roupas, de repente, pareciam mais quentes, parecia que explodiria de raiva, e foi quase isso que aconteceu. Guilherme sentiu a benção de Ares lhe dando forças. Sua espada, ainda em sua mão, esquentou subitamente, derretendo a neve onde estava em cima. Guilherme espetou o monstro na região da barriga, que urrou de dor. A espada ainda estava fincada quando Guilherme também gritou, só que de raiva. Aquele berro que se dá quando se está em uma batalha entre a vida e a morte. Sua espada esquentou ainda mais, e o monstro começou a se desintegrar, começando pelo ponto espetado.

Guilherme se levantou. Viu Regulus cair de joelhos, devido o esforço usado para manter um bichão daqueles preso por vinhas, mesmo que apenas nas patas e por alguns segundos. Seria alvo fácil do punho de um dos gigantes de gelo, não fosse por Amanda usar seus legados de Deméter e fizesse brotar galhos, ramos, folhas e tudo mais sobre as plantas que pudesse imaginar.

Guilherme ainda ficava confuso com aquela história toda. Seu pai mortal descendia de uma linha de filhos de Deméter e, com isso, a garota conseguia afetar as plantas.

Claro que o monstro não foi derrotado com as plantas, mas isso o retardou. Guilherme correu na direção do gigante. Era sua vez de ajudar o amigo. Sentia-se revigorado e... quente! O frio que sentira desapareceu no instante que recebeu a benção de Ares. Guilherme sabia que aquilo não duraria muito tempo, e sem poder gerar fogo depois, tinha que matar a maior quantidade de monstros antes que o efeito passasse. Quando se aproximou do inimigo, Guilherme saltou e fez um corte no ar, arrancando o antebraço direito do gigante de gelo, que berrou alto. Nina, mais afastada, disparou duas flechas na cabeça do mesmo gigante, que tombou para trás. As flechas só o deixariam com mais raiva ao levantar, por isso Guilherme percebeu que não tinha tempo a perder. Subiu no peito do monstro e fincou sua espada, direto no coração, ou, onde deveria ter um. Ele saltou de cima do bicho dois segundos antes do fogo o consumir por inteiro.

– Desde quando você faz isso? – perguntou Regulus, com os olhos arregalados. Ele havia limpado um pouco o sangue do rosto.

– Uma benção de meu pai. Não vai durar para sempre! Vamos acabar com isso logo.

O gigante de gelo que restou acertou um safanão em Nina, que caiu longe, desacordada. Amanda fez brotar mas ramos e galhos no chão e correu na direção de Guilherme.

– Consegue atear fogo nisso aqui? – perguntou ela, com urgência. Não queria que o gigante chegasse até onde Nina caiu.

Regulus conseguiu ficar de pé.

– Faça isso cara, eu vou ajuda-la.

Como Regulus poderia ajudar ele não sabia. O rapaz nem sequer recuperou sua espada para atacar o monstro... mas Guilherme não perdeu tempo. Encostou sua espada nos galhos que Amanda criou e eles começaram a queimar. A menina saiu correndo feito uma doida com os galhos nas mãos atrás de Regulus e do gigante que caminhava na direção de Nina.

Guilherme voltou suas atenções aos outros dois monstros de seis patas. Um deles estava relativamente próximo, mas relutava em atacar. Parecia sentir o calor emanando da espada e deve ter percebido o que acontecera com um dos seus irmãos. Quando Guilherme avançou, o monstro tentou recuar. Como seis patas corriam *muito* mais do que duas pernas, Guilherme teve que fazer o que achou mais sensato na hora: arremesou a espada.

Foi perfeito. A espada acertou a parte de trás de uma das patas traseiras e fez o monstro desabar. Guilherme foi até ele, retirou a espada fincada e atacou o corpo do bicho. Em pouco tempo, seu corpo fora consumido por inteiro pelas chamas que se alastraram rápido.

Como o outro monstro estava mais distante, Guilherme se permitiu dar uma olhada em Gerda antes de correr para ajudar seus amigos. A deusa estava parada no mesmo lugar, com a mesma expressão fraca e quase sem vida. Não pretendia ajudar os monstros que eram derrotados, parecia cansada demais para isso. Como ajudar aqueles que já estavam condenados? Mas se ela tivesse êxito, isso não a ajudaria?

– O plano já estava condenado desde quando foi criado – disse Gerda, como se lesse os pensamentos de Guilherme. – Desde o momento que *vocês* vieram no lugar de Alabaster... eu *devia* ter visto isso.

Guilherme sacudiu a cabeça, não queria deusas lendo sua mente. Não queria deusas *influenciando* suas decisões. E se aquilo fosse parte do plano? E se forçasse-os a desistir? Talvez fizesse-o achar que tudo estava perdido... que suas almas já estivessem perdidas. De repente, o olhar de Gerda ficou muito mais convidativo. Suas feições pareciam mais belas e quase... *sensuais*.

*Eu conduzo você, a voz de Gerda ecoava em sua mente, não precisa mais lutar nem fugir... não precisa se perder como os outros que vem até mim. Te garanto uma viagem tranquila para o mundo inferior...*

Guilherme estava tentado a ir. Como tinha pensado mal daquela mulher tão bondosa e sedutora? Ela só queria ajudar e todos fizeram mal juízo dela. Os músculos de Guilherme começaram a funcionar sozinhos. Caminhavam na direção de Gerda. Ele *iria* com aquela deusa.

– AHHHHHH! – berrou alguém, distante. O transe não o fez perceber quem fora.

– O que você está fazendo? – perguntou uma segunda voz. Era masculina? Guilherme nem sabia distinguir nada mais. – Precisamos de sua ajuda aqui.

Seja lá quem tenha gritado e clamado por ajuda, mexeu com Guilherme de certa forma. Gerda parecia menos convidativa, menos atraente.

– Uaaaaaar!!! – fez alguém mais para trás. Um berro alto e assustador. Guilherme olhou para trás, mesmo com Gerda insistindo para que não olhasse. O rapaz estava quase abrançando a deusa quando seu corpo girou e lá estavam seus amigos, em apuros, precisando de sua ajuda. Sua espada não emitia mais calor. A benção de Ares terminara, mas Guilherme nem sentiu. Teria a bravura acabado quando sua mente aceitou, mesmo que por um instante, que tudo estava perdido? Guilherme não fazia ideia, mas sabia que

bravura de verdade, era ajudar aqueles que precisavam de sua ajuda, com ou sem a benção de seu pai.

– Não, volte aqui! – berrou Gerda, novamente, com uma voz sedutora. Guilherme sacudiu a cabeça enquanto corria. Não podia ouvir, não podia ver, não podia pensar. Devia agir no puro instinto. Seus amigos contavam com isso.

Chegou perto de seus amigos. Estava de olhos fechados, só sabia que estava próximo pois sentia o calor de seus corpos. Quando abriu os olhos, viu o gigante caído no chão, derrubado pelos truques combinados de plantas de Regulus e Amanda. Nina se levantara, parecia bem, apesar de demonstrar sentir alguma dor. Guilherme se virou e Gerda ainda estava lá. O monstro de seis patas, percebendo que ficaram sem fogo, correu em suas direções.

– Só mais uma vez – suplicou ele, olhando para a espada. – Vamos, só mais uma vez!

A espada esquentou de novo. Emitiu um brilho fraco. Sabia que não teria muito tempo. Atacou o gigante caído, bem na canela. O calor derretou a camada de gelo e foi penetrando por todo o interior do corpo da criatura. Segundos depois, ela havia derretido.

O bicho de seis patas freou. Sentia o perigo à sua frente. Mesmo de longe, Guilherme sentiu que Gerda sorria. Uma conexão foi feita entre os dois. Quem sabe no futuro, a deusa não o tentaria de novo? Gerda fez uma reverência e desapareceu, deixando os quatro ali com o monstro. Sozinhos.

O rapaz estava cansado e a dor do seu ombro atingido pelo bicho de seis patas voltou com tudo. Ele arfava com dificuldade. Parecia que o ar congelava antes de chegar aos pulmões.

Amanda, com certa dificuldade, apontou para a Estátua da Liberdade e, consequentemente, para o feixe de luz que saía da cabeça da estátua.

– Como chegaremos lá?

Guilherme não respondeu. Estava exausto, fraco. Uma grande parte de sua mente queria seguir o conselho de Gerda e jogar tudo para o alto e desistir. Desistir da missão, desistir dos deuses, desistir da vida! Guilherme pôs a mão no ombro machucado e a dor percorreu todo o seu corpo, como se fossem pequenas descargas elétricas. Foi aí então que percebeu que a dor era sua amiga. Se concentrar na dor o fazia evitar pensar em Gerda, na verdade, a dor o fez, inclusive, ter uma idéia. Ele olhou para o monstro restante, que se afastava. Ou a criatura estava com medo da espada de Guilherme ou por ter sido abandonada, provavelmente ambos.

– Tive uma ideia.



A cara de espanto dos amigos quando Guilherme recuperou a espada de Regulus e foi na direção do monstro com as duas armas foi o mais engraçado.

Nenhum deles pareceu entender. O monstro não parecia ter entendido. *E*le ainda tinha suas dúvidas se funcionaria, mas precisava tentar.

– Me desculpe, parceiro – disse ele. – Mas precisamos de você.

A criatura protestou. Rugiu alto, tentando afasta-lo. Mas o barulho saiu mais como um som de medo do que um som de ameaça. Ele tentou acertar Guilherme com uma das patas, mas o golpe foi evitado com facilidade.

Guilherme cravou uma das espadas nas costas do monstro. Saltou, e enterrou fundo a outra, deixando-as quase que perfeitamente paralelas. Como não morria com o bronze celestial, o bicho permaneceu em pé. Sempre que o machucado começava a cicatrizar, Guilherme mexia as espadas e a ferida abria de novo, até voltar a cicatrizar e continuar o ciclo.

– Temos nossa carona – falou Guilherme. – Sem o serviço das balsas, o Express Six Legs Guilherme Tour vai guia-los até lá.

Nenhum de seus amigos acreditou à primeira vista. Nem sequer se mexeram. Guilherme bufou e mexeu um pouco as espadas. Montar uma criatura de gelo com seis patas não devia ser tão diferente do que montar um cavalo, devia? Respondendo aos comandos de Guilherme, o monstro se virou na direção da água e começou a sugar o ar com suas narinas. Pouco depois, ele disparou uma baforada na porção de água mais próxima, congelando-a.

A camada de gelo não parecia muito segura, por isso o monstro foi induzido a fazer mais uma. Desta vez obtiveram uma camada mais grossa e mais extensa, só que ainda insuficiente para chegarem até a ilha.

Guilherme se virou para os amigos.

– Vocês vêm ou não?

Amanda deu de ombros e foi na direção dos dois, recolhendo suas mochilas ao longo do caminho. Nina e Regulus foram alguns passos depois de Amanda.

As costas do monstro eram grandes o suficiente para que os quatro pudessem montar, mas não para se acomodarem. Regulus, por exemplo, estava quase escorregando para o traseiro do bicho.

– Eu sempre me dou mal nessas histórias!

O gelo da margem do Battery Park começou a rachar. Em poucos segundos chegaria até eles. Nina xingou um palavrão, enquanto que Amanda cutucava as costas de Guilherme para se apressarem.

O monstro recusava-se a ajudar. Devia saber que se caíssem na água, ele sobreviveria ao frio, seus dominadores não. Guilherme se amaldiçoou por

pensar em uma ideia tão estúpida, mas já estavam no meio do caminho. Se fosse pra tentar voltar, seria melhor continuar.

– Olha meu caro – falou Guilherme, abaixando-se próximo a cabeça da criatura. – Acho melhor continuar. Ou quer que eu esquite a espada de novo? Nós morreremos, mas você também vai.

Deve ter dado resultado, porque o monstro se apressou, soltou mais baforadas e chegou à ilha, exaurido.

Guilherme aguardou seus amigos descerem para só depois retirar as espadas. O monstro rugiu mais uma vez e saltou para a água, nadando para o mais longe possível dali.

– Lá se vai a carona pra volta – disse Nina.

Regulus suspirou aliviado.

– Ótimo! Eu que não montaria mais naquela coisa.

Guilherme sugeriu que precisavam descansar um pouco. Faltava ainda cerca de três horas para resgatarem Thaliny, e seus corpos não iriam muito mais longe do jeito que estavam, precisavam do repouso.

Enquanto aguardavam, Guilherme se lembrou do néctar e da ambrosia que estavam em suas mochilas. Todos comeram e beberam um pouco. A metade do que tinham, aproximadamente. Regulus quis comer tudo, mas Guilherme o impediu. Sabia que Lâmia, em posse de dois dos três itens, não se renderia com *facilidade*.

Minutos depois, todos já estavam de pé, marchando para dentro da Estátua da Liberdade.

Nina contava sobre os detalhes da estátua que aprendera com Annabeth. Que a estátua tinha mais de 92 metros de altura, sendo que só o pedestal media 46,49 metros de altura. Seu nariz tinha em torno de 1,37 metros, todo o conjunto pesava um total de 24.635 toneladas e que precisaria subir 335 degraus ao todo, 167 degraus até o topo do pedestal e mais 168 até a cabeça (informação essa que Guilherme dispensava conhecer, *ainda mais* porque os elevadores estavam fora de funcionamento). Segundo ela também, Frédéric Auguste Bartholdi incluiu várias referências à maçonaria, como a tocha, o livro em sua mão esquerda e o diadema da cabeça com sete espigões.

– E tudo isso você aprendeu com Annabeth? – perguntou Regulus, já esbaforido por ter subido os tantos... vinte e cinco primeiros degraus da estátua.

– Não só isso – falou Nina, sem parecer cansada e com brilho nos olhos. – Ele à criou também como homenagem à Sofia, ou Sophia em grego, que

significa sabedoria... ou seja, talvez um dos maiores símbolos em homenagem à Atena depois da *Atena Partenos*. Bartholdi era filho de Atena.

Regulus não parava de reclamar. A cada cinco degraus, um novo palavrão. Guilherme subia os degraus calado. Nina contava mais sobre a estátua, mas o rapaz não prestava muita atenção, tentava se manter focado no que poderia acontecer mais acima. Foi Amanda quem tocou seu braço, fazendo-o virar-se para ela.

– O que foi?

Ele respirou fundo. Consequia respirar bem melhor agora no interior da estátua, já que a temperatura aumentara, e muito.

– Estou preocupado. Não faço a mínima ideia do que encontraremos lá em cima. Lâmia se preparou bem. Sabia que teríamos que subir grandes lances de escada... chegaremos morrendo de cansaço.

Amanda levou um dos dedos à boca. Quem sabe estivesse ponderando o que Guilherme falou. Deu um meio sorriso, mas não disse mais nada.

A subida não foi fácil, mas, depois de alguns minutos, alcançaram a metade do caminho. Já tinham subido todo o pedestal, e agora começariam a subir a estátua em si. Como esperavam, os elevadores dali também não funcionavam. Guilherme se perguntou se aquilo era proposital. Regulus implorou por um descanso, mas Thaliny não seria poupada se falhassem. Precisavam continuar subindo.

Mas alguns minutos se passaram. Guilherme sabia que se tornaria o Mr. Coxas Musculosas depois que terminassem de subir, pois era justamente ali onde sentia mais dor. Nina estava quieta. Guilherme não soube dizer se era preocupação com a irmã ou se estava cansada demais para continuar falando sobre a estátua (e por realmente não estarem dando muita atenção).

Apesar de tudo, a subida até que não tinha mais complicações. Nenhum monstro, nenhum ataque, nenhuma armadilha, o que era estranho. Quando se é um meio-sangue, você pode esperar por *isso* tudo. Foi só quando faltavam uns trinta degraus que as coisas *tiveram* que ficar sinistras.

O ar ali era muito mais carregado. Será que era apenas o ar rarefeito? Guilherme duvidava. Consequia se sentir bem em prédios altos. Não estavam *tão alto assim* do nível do mar, apenas... altos. Não, era outra coisa. O cheiro não era dos melhores. Tinha magia ali, com certeza. Guilherme tomou a dianteira e pediu para que os amigos esperassem. Nenhum deles deu ouvidos e

subiram todos de uma vez. Ele deu de ombros e subiu os últimos degraus, os amigos em seu encalço.

Finalmente chegaram na coroa da estátua.

Guilherme nunca estivera na Estátua da Liberdade antes... mas sabia que *aquilo* ali não era a coroa.

Assim que chegaram ao último degrau, o mundo pareceu rodopiar, ser jogado dentro de um liquidificador e batido com leite, mamão e açúcar.

Sua mente ficou congestionada. Primeiro, ele sentiu tudo girando. Depois, ouvia uma música barulhenta, em seguida o completo silêncio. Trovões ribombavam, sentia cheiro de chuva e de terra molhada, o que era confuso, pois a cabeça da estátua estava há muitos metros do chão, ou não?

Seus pensamentos foram interrompidos por uma risada feminina e muito macabra.

– Bem vindos, meios-sangues – a voz era sinistra. Pareciam duas vozes juntas, falando ao mesmo tempo. Uma grave, outra aguda. – Esperava por meu irmão, Alabaster... mas ele é covarde e fraco demais para me procurar.

Aos poucos, Guilherme foi se situando. Quando o mundo parou de girar, conseguiu ver seus amigos, tão assustados quanto ele. Ele se viu em um amplo salão, no formato circular e com frestas que mostravam o mundo ao redor. Em uma das direções, a cidade de Nova Iorque. Não poderiam estar na estátua, o local era grande demais. Mas parecia que estavam em algum tipo de local com *a mesma vista* da estátua.

– Que lugar é esse?

– Bem vindos à *minha* versão da Estátua da Liberdade, criada com magia! Muito melhor, não?! A visita vai ser muito maior e muito mais dinheiro vai circular no nosso caixa.

As imagens pareciam surgir aos poucos. Tanto do exterior como do interior. Parecia uma espécie de *buffering* mágico. Se fosse, a internet de Lâmia parecia funcionar com menos velocidade do que foi contratada.

Lâmia usava um vestido azul, enfeitado por várias runas verde-fluorescentes. Alguns dos desenhos pareciam com os que Alabaster usava. Encantamentos que podiam ser tanto de proteção quanto para ataque. Seus cabelos eram longos e grisalhos, embora o rosto de Lâmia não aparentava ser de uma mulher idosa.

Amanda deu um passo à frente, ficando lado a lado com Guilherme.

– Nos dê o Grimório! Não queremos lutar!

– Eu também não! Por isso, me entreguem a pedra de Lápis Lazúlli ou a localização de Alabaster que os deixo ir.

Guilherme não estava a fim de conversa. Quis partir logo para a ação. Inacreditavelmente, o primeiro que se manifestou foi quem ele menos esperava: Regulus.

– Não vamos te dar nada!

Lâmia suspirou. Talvez fosse a resposta que quisesse ouvir. Foi aí que Guilherme notou seis figuras mais afastadas. Elas estavam lá quando chegaram? Ele não tinha certeza. As sombras foram ganhando forma, ficando cada vez mais parecidas com estátuas de pedra.

– Alabaster não chegou a mencionar que eu não posso ser morta, não é? Querem uma luta desnecessária mesmo assim?

Nina franziu o cenho.

– Ele nos contou isso... mas...

– E mesmo assim vieram? Ou são tolos demais ou... – Lâmia deu um sorriso. – ou ele tem algo de vocês... algo que querem muito de volta... ou *alguém*.

Os ossos do maxilar de Guilherme ficaram altos. O tipo de comprovação que Lâmia queria. Em segundos ela havia matado a charada. Não estavam lidando com um monstro imbecil qualquer.

Os olhos de Nina ficaram marejados, dando a Lâmia agora uma ideia do que estaria acontecendo. Sabia agora que o *algo*, ou o *alguém* que Alabaster tomou posse tinha vínculo com ela.

– O que ele tirou de você, minha querida? – perguntou Lâmia, aproximando-se mansamente de Nina. – Diga-me... minha magia é superior a dele... posso lhe devolver... meu Senhor pode te devolver...

A resposta de Nina foi um cruzado no nariz do monstro.

– Minha irmã iria preferir morrer do que saber que eu me aliei a um monstro feito você.

Lâmia se virou furiosa. Sangue verde escorria do seu nariz.

– Insolente! – sua voz piorou, parecia triplicada. – Vai ver agora o verdadeiro monstro que sou!

Seu corpo mudou de forma. As pernas se uniram até virarem uma longa cauda de serpente. Não duas como nas *Dracaenae*, mas apenas uma grossa, verde e escamosa cauda de cobra. Suas unhas cresceram, tornando-se garras. A língua ficou bifurcada, os caninos cresceram como presas e as pupilas viraram um risco, como nas cobras.

– Hera me amaldiçoou por ter saído com Zeus! Ela não era interessante o suficiente para manter o casamento e, como não consegue descontar no marido, desconta naqueles que são mais fracos. Matou meus filhos e me

transformou num monstro. Mas eu me vinguei! Fiz os meios-sangues terem um cheiro característico, para que os monstros sentissem os filhos dos deuses... eu mesma cacei e matei muitos deles. O conto do bicho-papão que levava crianças mal criadas? Começou comigo... mas não eram apenas as ruínas que eu devorara – ela lambeu os lábios com a língua bifurcada e passou a mão pela barriga, lembrando-se de como era saborear uma criança, o que deixou Guilherme com mais raiva.

O rapaz a atacou. Sua espada quase a partiu no meio. Sangue verde espirrou para todos os lados.

O corpo de Lâmia caiu no chão, imóvel. Foi só isso? Fácil assim? A resposta veio com a risada triplicada...

– Não podem me matar... meu Senhor não permite...

– Seu Senhor? – perguntou Amanda. – Quem é seu Senhor? Loki?

– Gaia me deu o primeiro suporte contra Alabaster... mas nem mesmo ela era forte o suficiente para contê-lo.

Guilherme não gostava da conversa, e nem queria saber mais daquilo. Atacou o corpo de Lâmia que se regenerava. O monstro virou pó. Mas a poeira não ficou morta. Arrastou-se pelo recinto, indo parar atrás das seis figuras.

Lâmia começou a recitar algo em outra língua. Guilherme não tinha muita certeza, mas achou que era latim. Desejou que Wellington estivesse ali. O cérebro do amigo funcionava de maneira diferente dos demais meios-sangues. Para Wellington, o latim se desdobrava com facilidade, não o grego antigo.

– *Incantare: Excitatio!* – exclamou Lâmia.

As estátuas ganharam vida. Aumentaram de tamanho e foram tomando forma. Dois pequenos, dois médios e dois grandes. Isso foi o que Guilherme imaginou, mas eles continuaram crescendo, até que ficaram dois médios, dois grandes e dois extra grandes. As criaturas eram humanóides, embora os braços, mesmo com o corpo levantado, ficassem a apenas uns 40 cm do chão. Os olhos, na testa, eram completamente brancos, sem íris e pupila. Guilherme não sabia se podiam ou não enxergar, mas também não importava, os narigões, que ocupavam uns 60% da cabeça deveriam ser suficientes para fareijar qualquer um ali. Usavam roupas imundas, de tecido surrado. Os cabelos eram de fios grossos como *dreadlocks* e *longos*.

– O que que é isso? – perguntou Amanda, assustada.

Lâmia, que já estava quase totalmente recuperada, esboçou um sorriso.

– Contemplem meus queridos trolls.

Os trolls avançaram. Marcharam na direção do grupo. Não eram muito velozes e nem deixavam uma impressão inteligente, mas todo cuidado era pouco.

– Achei que trolls eram árvores que andavam – falou Regulus.

– Nãaaaao. – desdenhou Lâmia. – Isso sempre foi fantasia da cabeça de autores. Ganhou muita fama com O Senhor dos Anéis. Tolkien se baseou nessas criaturas nórdicas, mas mudou um pouquinho aqui e ali. Como é que se fala mesmo? Ah sim! Foi a tal da licença poética!

Os trolls não usavam armas, mas também nem precisariam. Um golpe deles e qualquer um viraria pastel. Outro fator negativo, é que, até agora, ninguém lutou contra eles, então, como vence-los?

– Guilherme, abaixa! – berrou Nina.

Ele estava na linha de tiro. Assim que abaixou, ouviu as flechas de Nina assobiando por cima de sua cabeça. Foram três flechas. Acertaram três alvos diferentes, um no peito, outro na garganta, outro na cabeça. Nina acertara um troll de cada tipo. A primeira má notícia foi que nenhum deles morreu. A segunda, foi que as flechas de Nina acabaram.

O troll mais próximo de Guilherme atacou. Um golpe de cima para baixo com a mão fechada. Guilherme evitou a investida por pouco e, aproveitou a guarda baixa do inimigo para investir. Tentou cortar a mão do monstro, mas sua espada bateu e voltou, a lâmina tremendo pelo impacto. A pele do troll era mais dura que pedra.

– O bronze celestial não vai mata-los – disse Lâmia, terminando de se recompor. – Aliás, nada pode mata-los!

Guilherme xingou um palavrão. Com o canto do olho, viu dois trolls encurralarem Regulus. Nina sacou uma faquinha e tentou se proteger. Amanda tentava ir ajudar Regulus, mas um dos trolls a bloqueava. Quando virou para sua frente, um segundo monstro caminhava pesadamente em sua direção.

Mas Guilherme não teve tempo de reação. O primeiro troll, aquele que não teve o braço arrancado, lhe acertou uma pancada. O rapaz voou, atingindo uma das paredes do espaço mágico de Lâmia. Assim que a atingiu, Guilherme sentiu uma descarga de energia percorrer todo o seu corpo, causando-lhe uma dor insuportável e um dano severo. A força foi tamanha, que seu corpo ficou suspenso no ar durante uns 10 segundos. Quando finalmente caiu, suas roupas fumegavam e sua carne cheirava a queimado. Apesar da dor, ainda estava bem. Se levantou cambaleante e observou os dois trolls indo em sua direção. De algum lugar, ouviu um grito e ficou horrorizado.

Regulus estava sendo pisoteado por um dos trolls. O outro, ficava ao lado. Sempre que o primeiro vacilava, ou ficava mais cansado, ele assumia. Se continuasse daquele jeito, seu amigo morreria em poucos segundos. Mas o que ele poderia fazer? Estava cercado por dois dos trolls, e atrás estava a parede mágica que dava dano em quem a encostava.

Foi aí que a ideia surgiu.

Seus reflexos estavam uma porcaria. Quase foi atingido em cheio pelo soco do troll. Guilherme o atraiu para mais próximo de si e ficou feliz da sorte ter sorrido para ele naquele momento, pois o monstro tentou chuta-lo. Era evidente que a criatura não tinha um corpo feito para os chutes. Guilherme se aproveitou disso e rolou, por debaixo da criatura. O troll tentou agarrá-lo, mas os braços esticados para a frente ainda com a perna no ar, o desequilibrou, fazendo-o tombar para frente. Suas mãos tocaram a parede, e a energia mágica, a mesma que acertou Guilherme, pareceu percorrer pelo corpo do troll.

O monstro, mesmo sendo um dos menores, era maior que Guilherme, com isso, a energia demorou mais para passar pelo seu corpo. Assim, a criatura ficou mais tempo suspensa no ar. O segundo troll, um dos extra grandes, tentou ajudar o primeiro. Pegou em seu corpo e sentiu a mesma descarga de energia. As luzes emitidas pela descarga mágica e os corpos dos trolls agarrados era de uma beleza incomensurável, mesmo que por um motivo ruim. Guilherme imaginou se seu corpo brilhou assim quando ele estava agarrado.

Ele os deixaria ali, agarrados, e ajudaria seus amigos enquanto tinha chance. Mas algo, que ele não imaginara, chamou sua atenção. Os dois monstros explodiram, lançando esferas de energia em várias direções, parecendo fogos de artifício. Uma delas, acertou o troll que pisoteava Regulus, lançando-o na parede oposta. Esse era um dos grandes. Uma outra esfera acertou Lâmia no rosto. Ela não voou como o troll. Talvez suas runas mágicas a tivessem protegido, ou a mágica fosse menos efetiva nela, mas foi o suficiente para transformá-la em pó. Outra esfera passou raspando por Regulus, não fosse por ele estar caído no chão. Amanda não teve a mesma sorte. Foi atingida de raspão, no braço direito. A menina largou sua espada na mesma hora e se agaichou. Guilherme torceu para que ela não pusesse sua mão esquerda no braço atingido. Sabia a dor que ela sentia, mas se fizesse isso poderia fazer a energia disparar pelo outro braço ou, quem sabe, pelo corpo inteiro.

Os olhos dela, mesmo de longe, encontraram os seus, assustados. Ele fez que não com a cabeça e a garota sorriu. Levantou-se, mesmo sentindo muita



dor, e agarrou com o braço atingido o outro monstro que ajudava a atacar Regulus. A luz percorreu seu corpo por inteiro, Amanda berrou de dor, mas o monstro berrou também. Os dois ficaram ali, sentindo a agonia juntos, até que o corpo do troll explodiu ao mesmo tempo que aquele que fora arremessado na parede. Mais fogos de artifício. O troll médio restante se jogou no chão. O extra grande tentou fazer o mesmo, mas foi atingido onde seria sua nuca e caiu em colapso no chão.

Guilherme correu até Amanda. A menina tinha uma queimadura feia no braço atingido pela esfera energética. Ele mesmo deveria ter uma horrível nas costas. Apesar de tudo, ela sorriu e disse que estava bem. Nina, que mancava de uma das pernas, foi na direção deles. Seu pé estava virado num ângulo estranho. Ela se sentou, pôs as mãos no pé, respirou fundo e o repôs no lugar. *Créc.* Guilherme não tinha ideia de onde vinha tanto sangue frio para fazer aquilo, até que se lembrou de Thaliny e percebeu que a garota não estava se permitindo morrer ali. Salvaria sua irmã primeiro e depois, morreria em paz se o destino quisesse assim.

Regulus tentou se levantar. O troll tentou levantar. Regulus estava gravemente ferido, o troll não, por isso, o monstro ficou de pé primeiro e rugiu. O grupo ouviu uma explosão. O quinto bicho tinha acabado de explodir, restara somente um médio.

Ele rugiu, talvez por nervosismo de ter perdido os companheiros. Guilherme não o culpava, sentiria o mesmo se perdesse um de seus amigos. Eles se prepararam para a investida do troll, mas foi Regulus, mesmo quase morto, quem se levantou.

– Por Dionísio!!!!

O garoto saiu correndo e trombou-se contra o troll. Era para seu corpo ter sido rebatido, como aconteceu com a espada de Guilherme, mas não foi o que aconteceu. Ao redor de Regulus, havia uma aura roxa, na forma de um leopardo, o animal sagrado de Dionísio. Parecia que Regulus tirava suas forças do próprio felino, ou quem sabe do próprio deus. O fato, foi que o rapaz teve forças suficientes para empurrar o troll até uma das paredes. O monstro berrava com a dor, e Regulus continuava empurrando-o, mesmo depois do troll já ter ficado agarrado na energia. Estranhamente, a descarga não passava por Regulus. Dionísio devia estar garatindo isso.

Com esse troll foi diferente. Ele parecia absorver a mágica das paredes. Não demorou muito para a criatura implodir. Depois que tudo ficou mais calmo, Regulus desabou para trás.

Guilherme e Amanda correram em sua direção. Nina foi mancando. O corpo de Regulus não parecia conduzir a energia. Guilherme se virou na direção de Lâmia, que se recuperava mais lentamente que o normal.

Os olhos de Regulus se abriram. Seus lábios começaram a se mover.

– P...por que conseguimos mata-los... assim?

– Mágica – respondeu Amanda. – As paredes estavam energizadas com mágicas. A mágica os matou.

– E por que foi diferente com vocês? – perguntou Nina. Amanda se virou para Guilherme, deixando-o responder.

– Acho que eles eram mais vulneráveis à mágica do que nós.

– Aaaaaahrrrrrg – gemeu Lâmia, com seu corpo ainda por fazer.

O monstro tinha recuperado apenas a cauda de serpente e um dos braços, o restante ainda era remodelado. O pó espalhado no chão flutuava até onde deveria estar sua forma, ligando uma parte já completa do corpo à outra.

– Algum problema, Lâmia? – perguntou Guilherme. – Por que toda essa demora para se completar?

Lâmia não quis aguardar. Serpenteou na direção de Guilherme, atacando-o com o braço bom. Poeira de monstro se espalhou pelo chão, formando um rastro que se desfazia logo em seguida, pois o pó viajava até o corpo da dona. O ataque não foi poderoso e lento demais. Guilherme o bloqueou com facilidade. As garras viraram pó ao se chocarem com o bronze celestial de sua espada.

– O... o que há com ela? – perguntou Regulus.

Guilherme sorriu.

– Tudo isso. O lugar, invocar os trolls, manter as barreiras energéticas nas paredes... tudo isso, a consumia, e muito! Mesmo ela sendo uma feiticeira poderosa – ele olhou na direção de Lâmia. – Por isso demora a se recuperar, não é mesmo?

A poeira que formava a cabeça de Lâmia já tinha feito seu rosto até à altura da boca. Ela rosnou e atacou de novo, dessa vez na direção de Nina. O golpe foi mais rápido do que o anterior, mas ainda lento demais. A garota deu uma estocada com sua adaga no corpo de serpente. Amanda girou a espada na mão e depois a cortou na altura do rosto, ajudando sua amiga. Guilherme ajudou Regulus a se arrastar para mais longe dali. As meninas dariam conta da quase-moribunda Lâmia, e Regulus estava cansado e muito machucado para

ficar próximo do campo de batalha. Guilherme abaixou, tirou seu resto de néctar e ambrosia da mochila e deu ao amigo.

– Mas... são seus últimos suprimentos.

– Sem problemas. Você precisa mais agora do que eu. Fique com eles.

Com dificuldade, Regulus os tomou. Guilherme se virou na direção da luta. Lâmia era, novamente, uma pilha de pó que se arrastava para longe, tentando se recompor. Foi aí que ouviram um forte trovão ribombando acima.

A princípio, nada aconteceu. Depois, outro trovão, e o lugar inteiro piscou. Lâmia deu um berro quando ouviu o terceiro trovão. O lugar inteiro começou a desmoronar. Pedacos do teto se desprendiam e caíam ameaçadoramente. Nina tentou correr mas tropeçou nas próprias pernas e caiu, batendo com o peito no chão. Uma outra placa do teto se soltou, indo com velocidade na direção de Nina. Guilherme só teve tempo de gritar. Amanda, a mais próxima, lançou-se sobre a amiga, protegendo-a com o próprio corpo.

O grande pedaço de teto tocou as costas de Amanda.

Foi só quando o bloco atravessou seu corpo sem causar qualquer dano que Guilherme entendeu o que estava acontecendo.

Todo o local era uma ilusão. Ou pelo menos se tornou ilusão quando Lâmia não conseguiu mais sustentar a realidade. Amanda e Nina se levantaram, assustadas com o ocorrido. Guilherme a viu agradecer e Amanda apenas sorriu.

Lâmia já estava quase toda completa. Deve ter desistido de manter o lugar erguido. Guilherme viu o feixe de luz azul no meio do salão e percebeu que era essa a mágica central do lugar.

A visão piscou mais algumas vezes. Sempre que retornava ao salão, ele estava cada vez mais caído e destruído. Outros *flashes* de luz a mais, e Guilherme se viu novamente em Liberty Island, no exterior da Estátua da Liberdade. Seus amigos estavam consigo, todos estavam bem. Lâmia também estava lá fora, inteira, mas com menos runas espalhadas por seu corpo.

– N-n-não entendo... – seu corpo estava completo, inclusive a cauda de serpente que virou pernas “comuns”. Suas mãos tremiam, e ela gaguejava. – Meu poder... meu...

– Seu poder não falhou – disse uma voz misteriosa. – Eu terminei de destruir sua mágica. Eu os trouxe aqui pra fora.

Guilherme se virou. Era Alabaster. Imediatamente, lembrou-se de Thaliny. Teria o tempo passado mais rápido dentro da estátua? E se Thaliny *já* estivesse morta? Afinal, nada explicaria o surgimento de Alabaster, já que ainda tinha a refém. Se ele estava ali, então Thaliny...

– O que fez com ela? – Guilherme aproximou-se de Alabaster, revoltado. – O que fez com a menina?

– Ela ainda está bem, embora vocês tenham pouco tempo.

As mãos de Guilherme foram ao seu bolso interno do casaco. Tirou de lá a ampulheta. A areia ainda passava magicamente de um lado para o outro, desse jeito, ela não voltaria para o outro lado se tivesse caída ou tombada. Ele se virou para Alabaster, que confirmou de novo que a menina estava bem.

Guilherme suspirou forte, Nina também.

– Resolveu parar de se esconder, Alabaster? – provocou Lâmia. – Começou a criar um pouco de coragem?

– Nós dois sabemos que você *ainda* não pode morrer, irmã. Mas o Grimório está aí para darmos um jeito nisso e... aposto que está um pouco cansada para continuar lutando, não?

– Peraí! – interrompeu Regulus, ainda machucado, mas um pouco melhor.

– Fomos usados esse tempo inteiro por você?

Alabaster sorriu.

– Foi necessário. Era perigoso demais eu vir pessoalmente. Lâmia estava forte demais. Eu seria morto com certeza e tinha o risco de ela pegar meu anel.

Regulus não pareceu satisfeito. Seu punho cerrado tremia de raiva.

– Deixar o anel em algum lugar seguro nem passou pela sua cabeça, né?

– Ruim comigo, pior sem mim. Qualquer magia que eu fizesse para escondê-lo seria eliminada com a minha morte. Lâmia o encontraria de qualquer jeito. Prefiro mantê-lo seguro comigo.

Foi a vez de Lâmia sorrir.

– Quer dizer que está com anel agora? Ótimo! Ele será meu!

O monstro atacou. Suas garras quase furaram a carne de Alabaster, mas o rapaz foi rápido. Conjurou uma espada de ouro e bloqueou as garras. Depois tentou uma estocada, mas Lâmia serpenteou, mesmo que a cauda não estivesse aparecendo.

– *Incantare: ignis!*

Guilherme sabia que, na sua língua, *igni* poderia ter algo a ver com *ignição*. Percebeu depois a raiz da palavra.

O corpo de Alabaster começou a incendiar. Dava para ouvir as runas que estavam em suas roupas trincarem e explodirem. Não fosse por elas, talvez o mago já estivesse completamente queimado.

– Acho que agora é minha vez – falou Alabaster. – *Incantare: tempestas!*

Uma tempestade começou a se formar nos céus de Nova Iorque. Nuvens negras, brilhando com raios e trovões aproximavam-se de nós. Fortes ventos

fustigavam a todos. A neve tinha parado de cair, mas era melhor que tivesse continuado porque granizos, e dos grandes, caíam sem parar. Os raios ficaram piores. Um deles atingiu o pára-raio da tocha da estátua.

Um granizo imenso acertou o rosto de Lâmia, fazendo-a cair para trás. Alabaster saltou na direção de Lâmia, que tentou se proteger.

– *Incantare: protegendum!*

Uma pequena barreira mágica, do tamanho e no formato de um prato, brilhou à frente das mãos de Lâmia, repelindo o ataque. Guilherme não aguentou ficar parado. Lançou-se ao ataque também.

Seu corte quase decepcionou uma das mãos do monstro, mas Lâmia, mesmo enfraquecida, parecia mais poderosa do que quando lutaram dentro da dimensão paralela que criou. Manter os trolls, a mágica do lugar, as paredes energizadas e suas runas protetoras ao mesmo tempo devia exigir demais da criatura. Agora que não se preocupava mais com isso, Lâmia tinha muito mais poder. Guilherme então entendeu o drama de Alabaster. Sua irmã era muito mais poderosa que ele

– *Incantare: cecidimus!*

Um sopro percorreu o corpo de Guilherme. Parecia que sua alma o deixaria a qualquer momento e seu corpo começava a derreter. Estava se dissolvendo.

– *Incantare: prohibere!*

Um brilho arroxado se formou ao redor das mãos de Alabaster. Ele tirou seu foco de Lâmia e o direcionou para Guilherme. Seu corpo voltava ao normal, mas a sensação de que quase morreu ainda não tinha desaparecido. A voz de Gerda, vez ou outra, ecoava em sua mente, pedindo para desistir.

– Ahhh! – gritou Guilherme quando caiu no chão.

– O que está pensando, idiota? – berrou Alabaster. – Vocês não tem chance contra Lâmia! Nunca tiveram!

Guilherme tinha certeza que o que Alabaster fez salvou sua vida, mas isso não impediu que ficasse com raiva. Se sabia que não teria chance, por que os enviou de encontro à morte? Seu plano era *somente* enfraquecer Lâmia, mesmo que isso custasse suas vidas? Mesmo que custasse a vida de Thaliny? Seja lá o que fosse, poderia esperar, pois aproveitando-se da distração, Lâmia cravou fundo suas garras na lateral do corpo de Alabaster. As runas restantes em sua roupa não foram fortes o suficiente para impedir a investida. O monstro o ergueu do chão e o arremessou para longe de Guilherme. O rapaz acertou o pedestal da Estátua da Liberdade.

Ainda caído, Guilherme viu Nina, Amanda e Regulus investirem contra o monstro. Lâmia criou um feitiço que os empurrou para longe, na direção oposta de Alabaster.

Guilherme não conseguia se levantar. Era como se uma pedra estivesse sobre seu peito. O rapaz se perguntava se aquilo era efeito da magia ou culpa por ter atacado Lâmia. Mas, na sua cabeça, ele só estava tentando ajudar, não estava? Então por que sentiria culpa? Logo ele que era tão racional para um filho de Ares, pagou pela impulsividade que os herdeiros da guerra carregavam.

Lâmia riu e serpenteou na direção de Alabaster. Sua espada estava caída há alguns metros. Ele esticou a mão. A espada mexeu um pouco como que respondendo. Mas se Alabaster era capaz de usar *a Força* não pareceu, pois a espada continuou repousada no chão. Ela pegou sua mão e tentou tirar seu anel. O objeto parecia fixo ao seu dedo, Lâmia não conseguia tira-lo.

– Arranco seu dedo se for preciso – disse ela, puxando mais forte. – Anda! Me dê o anel!

Quando ela desistiu e resolveu que mastigar o dedo do irmão era melhor, a espada de Alabaster voou. Acertou a cabeça do monstro, decepando-a. Outra mini-explosão de runa ocorreu. O corpo de Lâmia caiu para trás, ainda se debatendo. A cabeça virou pó antes que tocasse o chão.

A tormenta foi cancelada, o que permitiu que a poeira mágica que a cabeça de Lâmia tinha se tornado voltasse mais rápido ao seu pescoço. Alabaster, ainda com a espada nas mãos, aproximou-se do corpo da irmã e mirou no seu coração.

– Depois que eu te transformar em pó vou usar meu encantamento para que fique sempre assim. A mãe não vai impedir dessa vez.

Guilherme torcia para que aquilo acabasse logo. Viu Alabaster erguer sua espada, com as duas mãos acima da cabeça e descer com toda a força.

O garoto foi lançado para trás quando a arma acertou o alvo. O brilho foi tão forte que Guilherme conseguiu, com certa dificuldade, por o braço na frente dos olhos para protegê-los.

Não foi Lâmia a atingida e sim o Grimório de Hécate, surgido do nada para salvar a vida do monstro.

– Achou mesmo que só você consegue convocar objetos do nada? – Lâmia já tinha sua cabeça restituída. – O grimório da mãe veio a calhar.

O grimório então foi visto pela primeira vez. Tinha a capa e a contra-capas feitos de couro. Suas páginas eram amareladas e não tinha título. No lugar deste, exibia um grande pentagrama bem no centro. Mesmo de longe,

Guilherme sentiu o poder mágico emanado pelo livro. Ele tentou se levantar e agarrar Lâmia, pois ela partia na direção de Alabaster e com certeza tentaria lhe tomar o anel, mas seu corpo não respondia. Ainda se sentia fraco, mole, como se seu corpo fosse líquido e voltava à forma sólida.

Caído, Guilherme nada pôde fazer ao ver o monstro agarrando o rapaz.

– Solte-o! Solte o anel agora, Alabaster!

O anel ainda estava preso. Lâmia respirou fundo. Recitou algum encantamento que, de longe, Guilherme não conseguiu ouvir. As últimas runas da roupa de Alabaster estouraram. Ela tentou de novo. O anel saiu com facilidade.

Um trovão ribombou. O corpo do filho de Ares se recuperava. Ele já conseguia sentir melhor os braços, as pernas, e parte do peito. Em mais alguns minutos ele conseguiria se manter de pé. O problema é que com o anel de lápis-lazúli, a pedra de alabastro e o grimório, eles não teriam mais alguns minutos. Guilherme respirou fundo e tentou se levantar, sem sucesso. Ele viu Lâmia se aproximar do grimório, com o anel em uma das mãos e a pedra na outra. O monstro segurava os objetos com força. Todo o seu corpo tremia. Ela recitava novamente um encantamento. Outro trovão ribombou. As nuvens de tormenta que Alabaster tinha conjurado pareciam voltar, desta vez convocadas por Lâmia. Os raios cruzavam o céu. Os pára-raios da Estátua da Liberdade não davam conta de impedir que todos caíssem, e alguns começaram a cair próximo de Guilherme e seus amigos.

– *O dea magicae! Audite me! Grimoar mea est! Da gratiam tuam me! Da mihi operam! Da mihi benedictionem! Aperire librum!*

Guilherme não entendeu bulhufas do que Lâmia acabara de falar, mas deve ter funcionado. As nuvens pioraram. Ventos, cinzas e saraivas desciam do céu. Trovões ribombavam, raios cruzavam o céu, o mundo parecia que cairia sobre Liberty Island.

E então, o Grimório de Hécate se abriu.

Uma coluna de luz branca saiu do livro assim que foi aberto. Guilherme sentia o calor irradiando do feixe iluminado, e sentia o perigo e o pavor tomar conta de si. Seus amigos não estavam muito melhor. Se tinham condições melhores do que ele não demonstravam, pois também estavam paralisados pelo medo. Guilherme não os culpava, estava igualmente amedrontado.

Lâmia passava as páginas do livro incansavelmente. Talvez o Grimório não tivesse índice, pois ela parecia procurar um encantamento em específico.

Mais da metade das páginas já tinham sido viradas quando ela parou. Voltou algumas e sorriu.

O monstro pôs as duas mãos sobre o livro aberto, fechou os olhos e sentiu seu poder. Seu corpo se contorceu inteiro. Devia ser uma ótima sensação, pois Lâmia soltou um pequeno gemido de prazer e sua expressão facial indicava que estava em êxtase. As mãos saíram do livro e repousaram no peito, como se forçasse algo para dentro. Guilherme quase vomitou. Ver um monstro daqueles extasiada daquele jeito era nojento. Lâmia pôs as mãos sobre o livro aberto novamente e, seja lá qual tenha sido o encamento que viu, começou a recita-lo.

Não dava para entender nada. Não que Guilherme soubesse latim, não daria para entender de qualquer forma, mas mesmo que soubesse, os trovões, o vento e as saraivas não permitiam ouvir. Isso o deixou confuso. Como ouviu então Lâmia gemer? Explosões aconteciam por toda Nova Iorque. Prédios eram atingidos com ferocidade. As saraivas pareciam pequenos asteróides se chocando com a Terra. A cena lembrou a Guilherme o filme *Armageddon* de Michael Bay, mas ali não teriam um Bruce Willis para salvar o dia, nem a trilha sonora do Aerosmith tocaria ao fundo. Não, aquilo era a vida real infelizmente, e Guilherme estava no meio dela.

Quando o encamento terminou, pareceu que dez bombas atômicas tinham explodido em Liberty Island ao mesmo tempo.

O barulho foi ensurdecador. Se saísse vivo dessa, Guilherme tinha certeza que ficaria surdo... e talvez cego também. Quando o clarão diminuiu, ele pôde ver Lâmia no centro, sorrindo, olhando todas aquelas formas que saíam bem pequeninas do Grimório e ganhavam tamanho ainda no ar. Monstros. Vários deles deixavam o livro. Cresciam segundos depois de deixar o livro totalmente e eram lançados, como disparos sinalizadores, por toda Manhattan. Ou melhor, por todo o mundo.

Guilherme conseguiu ver alguns. Um tinha pernas de leão marinho, corpo humano e cabeça de dobberman; outra, com certeza era uma *dracaenae*, mulheres de pele verde, olhos amarelos e dois rabos de cobra no lugar das pernas; dois meio-ursos e um com corpo de um humano fortão, com cabeça e patas de touro.

Os monstros saíam aos montes. Só depois de uns dois minutos de bichos e mais bichos saindo que Lâmia parou de sorrir.

Ela se curvou para frente, os dois braços cruzados em frente ao estômago. Talvez a mágica fosse forte demais! Ela ergueu os braços e os fitou horrorizada. Sua pele estava ficando branca. Não como as pessoas brancas, ou



caucasianas, mas brancas de verdade, como se tivesse sendo pintada por tinta de parede. Seu peito, sua cauda, sua cabeça... quando o corpo inteiro ficou branco, ela se esfarelou. O vento levava cada pedacinho seu embora.

O livro, porém, continuava aberto.

Monstros saíam a cada instante. Berravam e urravam, felizes por saírem para a vida novamente. Guilherme ficou surpreso ao saber que ainda conseguia ouvir. Sentiu um alguém lhe levantando. Cerrou os punhos pronto para atacar, achando ser algum inimigo, mas era Alabaster quem o ajudava.

– Você precisa me ajudar – falou o filho de Hécate. – Estou fraco demais para fazer isso. Precisa ser você.

Alabaster conjurou sua espada de ouro e entregou nas mãos de Guilherme.

O rapaz fitou o a lâmina dourada e se viu no reflexo. Estava pálido, abatido e com olheiras enormes. Mais um pouco e poderia se passar como irmão de Alabaster.

– O que eu preciso fazer?

– Ali! – Alabaster apontou para o anel e a pedra de alabastro. – Pegue-os e traga para mim.

Guilherme conseguiu correr. Seu corpo estava 100% de novo. Pegou os dois itens e os entregou.

Alabaster conjurou um feitiço. Como ele ainda tinha forças para aquilo, Guilherme não sabia. Mas assim que terminou, tanto o anel quanto a pedra tinham desaparecido.

– Eu os enviei para dentro da espada – explicou Alabaster. – Mas vai durar apenas alguns segundos. Com isso você poderá destruir o grimório.

– Destruir? Mas achei que *quisesse* o livro pra você! – Guilherme precisava gritar para ser ouvido. O vento, os monstros, os trovões... tudo competia com ele.

– Você viu o que o Grimório pode causar. Hécate não iria querer que seu livro mais sagrado fosse usado pra isso. Destruí-lo é a melhor opção. VÁ!!

Guilherme assentiu. Olhou para a lâmina novamente. Não soube se ele parecia mais confiante ou a mágica da pedra e do anel fizeram seu reflexo parecer melhor. O fato é que a palidez e as olheiras tinham desaparecido. Guilherme correu com a espada na mão e foi na direção do livro.

```
-AAAAAAAAAAAAAAHHHHHHHHHHHHH!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!
```

Quando a ponta da espada fincou no centro do livro, um líquido viscoso e vermelho fluíu. Outro clarão ocorreu, mas desta vez, o efeito foi uma implosão. A coluna de luz fraquejou e foi se extinguindo gradativamente. Alguns monstros que saíam na hora, berraram de frustração quando foram

sugados de volta ao livro. As nuvens, as saraivas que caíam no exato momento, os raios e trovões, os ventos, e até mesmo a espada, tudo foi sugado para dentro do livro, exceto as criaturas que escaparam dele. Assim que o Grimório terminou de sugar sua última mágica, ele começou a... sangrar. As páginas amarelas ficaram vermelho-sangue. O couro se agitava, como se ainda estivesse vivo. Parecia que estava sendo arrancado naquele mesmo instante. O pentagrama na capa emitiu uma luz vermelha que, pouco a pouco, consumia o Grimório em chamas.

Quando o fogo cessou, havia apenas cinzas no lugar do Grimório.

Guilherme estava caído de joelhos, ofegante. Amanda agaichou-se ao seu lado e o abraçou. Nina e Regulus se abaixaram próximo a ele também, mas evitaram o contato físico.

– Você nos salvou – sussurrou Amanda em seu ouvido. A voz da menina passou por seu tímpano até chegar ao cérebro. Seu corpo sentiu um arrepio gostoso.

– O... o que foi tudo isso? – perguntou Regulus.

– Lâmia não conhecia os riscos – explicou Alabaster, já de pé. – Quando ela criou o encatamento, usou a própria vida para mantê-lo sem saber.

– Ela abriu de novo os portões da morte? – perguntou Guilherme.

– Mais ou menos. Ela criou uma passagem extra, entre o mundo inferior nórdico, grego, e qualquer outro mundo inferior que exista. Tirou de lá os monstros que estavam quase prontos para voltar.

Amanda levantou à cabeça, reunindo coragem para perguntar.

– Isso inclui titãs e deuses menores?

– Graças aos deuses, não! Os monstros mais fracos tendem a se recuperar rápido e voltarem depressa. Os mais fortes, como o Minotauro e a Medusa por exemplo, demoram mais tempo. Deuses e titãs precisariam de muito mais. Não que a mágica do livro não fosse forte o suficiente para trazê-los de volta, ela *era*. Mas Guilherme o destruiu há tempo.

O corpo de Guilherme começava a sentir o efeito das duras lutas até ali. O rapaz estava cansado, com fome e com sono. Não necessariamente nessa ordem.

– Onde Lâmia se encaixa nisso? – apesar de tudo isso, ele conseguiu perguntar.

– Não se preocupem, Lâmia não irá voltar mais! Como eu disse, a mágica requeria um sacrifício. Mesmo sendo um monstro, ela deu sua essência por isso, e sua essência, sua alma, sua centelha, ou seja lá o que cada ser possui, é a força mais sagrada que existe, mesmo para alguém maculado demais como

Lâmia. Uma vez que você a usa, mesmo sem saber, ela *deixa de queimar*. Em outras palavras, a essência dela foi destruída.

Guilherme sorriu.

– Achei que monstros não tinham alma!

– Enfim, a de Lâmia se extinguiu hoje. Ela sofreu a pior morte que alguém, ou algo, pode sofrer. A morte do espírito! Nem reencarnar mais ela vai poder.

Todos ficaram em silêncio contemplando aquilo tudo. Mesmo com a morte de Lâmia, Guilherme não sentia que tinha vencido, e apostava que seus amigos também não. Tinham muitos monstros para combater *de novo* e muitos meios-sangues ainda não reclamados podiam ser atacados a qualquer instante por essa *nova/velha safra* de criaturas bestiais.

– Ouvi dizer que Lâmia quem deu aos meios-sangues maneiras de serem rastreados pelos monstros – falou Regulus. – Com sua morte, isso vai passar?

– Lamento, mas a maldição de Lâmia é mais poderosa que sua morte. Se ela tivesse queimado sua centelha para destruir sua maldição, quem sabe tudo mudasse? Mas seu desejo era outro. Talvez ela tenha até intensificado a capacidade dos monstros de nos encontrar. Mas pelo que pude sentir da mágica, deve demorar algum tempo para que os monstros mais fortes tenham sua força completamente revigorada. Não devem estar com seu tamanho e poderes completos... *ainda*.

Nina se levantou e ficou parada cara-à-cara com Alabaster.

– E minha irmã?

Guilherme se assustou. Tinha esquecido completamente. Ele procurou a amulheta no bolso interno e a encontrou. O último grão da areia caiu assim que ele pegou o objeto nas mãos.

– Não! – uma lágrima caiu de seu rosto.

– Fiquem calmos, a garota ficará bem – tranquilizou-os Alabaster. – Voltem até à Penn Station. A menina vai aparecer assim que entrarem no banheiro feminino. Por causa da minha mágica, os mortais são sugestionados a não entrarem no banheiro.

Alabaster, mesmo fraco, criou um encatamento-ponte. Ele ligava Liberty Island até o ponto de saída das balsas de Battery Park. Guilherme ajudava Amanda a andar e vice-versa. Nina levou a pior, pois sustentava mais o peso de Regulus do que ele o dela. Sem contar o peso das mochilas que carregavam. Quando atravessaram a ponte por completo, ela desapareceu. Guilherme olhou por cima do ombro e não via mais Alabaster próximo da estátua.

Mesmo de noite, seus olhos encontraram os dois corvos levantando vôo da base da estátua.

Foi uma longa viagem de volta. Eles deviam estar muito mastrapilhos, pois todo mundo os encarava. Guilherme não os culpava. Se fosse um dos mortais também faria o mesmo. As ambrosias e néctar restantes ajudaram a melhorar sua aparência. Regulus insistiu que não precisava, mas notava-se que estava cansado e muito machucado. Fizeram uma divisão e o menino ganhou um pouquinho. O alívio maior veio quando finalmente conseguiram se sentar, próximos uns dos outros.

Os pensamentos de Guilherme iam longe. Primeiro, pensava no mundo mortal. Será que os humanos haviam visto a tormenta? Viram os raios, o fogo e tudo mais ou a névoa os encobriu? As pessoas ao redor não pareciam muito preocupadas, mas chegou a ouvir um ou outro indivíduo comentando sobre o tempo *muito* ruim. Depois não conseguiu parar de pensar que parte dos monstros terem saído foi culpa sua. *Ele* atacou, *ele* fez o jogo inverter para pior e Lâmia conseguir abrir o livro. Outros pensamentos invadiam sua mente. *Ele* tentou ajudar, não foi? Infelizmente os pensamentos negativos passavam por cima dos positivos. Quando o metrô parou em uma estação, Guilherme teve certeza que viu o reflexo de Gerda em um dos vidros da janela. Os olhos do reflexo encontraram os seus e ela sorriu. Quando olhou para o lado de fora, nada encontrou. Seus pensamentos só suavizaram quando a mão de Amanda encontrou a sua.

– Não foi culpa sua! – disse ela, praticamente lendo sua mente. – Você foi o mais forte de nós. O único que teve forças e coragem suficientes para fazer o que fez. Se qualquer um de nós tivéssemos condições, teríamos feito o mesmo – Amanda olhou para os colegas. – Não é mesmo?

Todos assentiram e sorriram para Guilherme, transmitindo-lhe confiança. Seu humor melhorou um pouco e ele deixou de se achar *tão* culpado assim. *Deuses*, ele pensou, *essa menina é o máximo!* Amanda sabia exatamente o que fazer, como fazer e quando fazer. Estava sempre próxima dando força, mesmo que fosse ela quem mais precisasse de apoio naquele momento. Ela chegou seu corpo mais próximo ao dele e ele permitiu que ela pusesse a cabeça em seu ombro. Mesmo com toda a agitação, Guilherme sentia o cheiro do *shampoo* em seu cabelo e do perfume. Ele quase desejou que a viagem demorasse um pouquinho mais.

Assim que chegaram, foram imediatamente ao banheiro da Penn Station procurar por Thaliny. Havia uma placa de piso molhado na porta do banheiro, mas não tinha água em lugar algum. Mesmo as pessoas que pareciam mais

apertadas, ao se aproximarem do banheiro, pareciam sentir uma sensação estranha, davam meia-volta, e procuravam o banheiro mais próximo.

Guilherme ia ficar do lado de fora, mas Regulus o puxou para dentro dizendo que era uma situação especial e que ele não ia ficar lá dentro sozinho. Eles tentaram entrar escondidos, torcendo para que a câmera de vigilância não os flagrasse. Imagina eles tendo que explicar para as autoridades locais o porquê dois casais entravam em um banheiro interditado. Nina levaria a pior, porque era a única maior de idade ali.

O interior do banheiro estava tão escuro quanto estava no vídeo gravado no iPad de Thaliny. Runas brilhavam em verde-fluorescente. A menina estava sentada de cabeça baixa, na extremidade mais afastada do aposento.

Nina foi a primeira a chegar próximo da irmã. A chamou algumas vezes. Thaliny não respondeu. Ela se abaixou, sacudiu os ombros da irmã enquanto a chamava de novo, dessa vez mais alto. Thaliny começou a voltar a si, como quem acorda de um longo sono ou um desmaio.

– Hã...? O quê...?

Um pouco de baba escorria do canto da sua boca. Nina o limpou com cuidado. Depois sorriu e chorou ao mesmo tempo e abraçou a irmã. Guilherme sentiu-se mais aliviado. Olhou para Amanda, que estava próxima a ele. Eles estavam de mãos dadas. Regulus parecia bem mais calmo também.

– Você está bem, Thaliny? – perguntou Nina, um pouco mais tranquila.

Thaliny se levantou, meio cambaleante. Nina pediu para que ficasse sentada, mas a menina recusou. Disse que estava bem e com muita fome. Nina a abraçou de novo. Regulus quebrou o momento, dizendo que precisavam sair o quanto antes. As meninas acentiram, saíram na frente e avisaram quando os rapazes poderiam sair.

Foram para fora para deixar Thaliny respirar ar puro. A menina pareceu muito melhor no lado de fora, mesmo com o frio.

– Vocês estão horríveis – disse ela.

Todos se entreolharam e caíram na gargalhada. Quando pararam de rir começaram a contar o ocorrido. Nina foi quem iniciou. Todos se revezavam na história. Thaliny ia assentindo com a cabeça e ouvindo tudo atentamente. Guilherme foi quem terminou de contar a história.

– Uau! Foi muita coisa.

– Mas e você, Thaliny? – perguntou Guilherme. – O que aconteceu de fato?

– Assim que entrei no banheiro, as luzes se apagaram. O rapaz, o tal Alabaster, saiu de uma das cabines do banheiro dizendo que tudo ficaria bem. Tentei sacar minha espada, mas ele impediu com magia. Me contou tudo o que aconteceu e o que precisaria fazer. Disse que nunca me levaria à força, mas precisava *fingir* que eu seria sequestrada para que vocês se motivassem. Sei que foi burrice, mas acabei concordando – a garota olhou para o alto, parecia forçar o cérebro a se lembrar de mais alguma coisa. – Ele foi muito gentil ainda. Me deixou fazer xixi, porque eu tava apertada pra caramba. Me senti meio envergonhada em usar o banheiro com uma pessoa ali fora ouvindo tudo, ainda mais um menino – ela corou e deu uma risadinha sem graça. – Depois que eu saí ele me perguntou se eu estava pronta e...

– Espera!! – cortou-a Regulus. – Nem lavou as mãos, sua porquinha? E eu aqui te cumprimentando?

Thaliny caiu na gargalhada, seguida por Nina, Amanda e Guilherme. Depois de uns cinco minutos rindo, ela se acalmou o suficiente para continuar a contar:

– Bom, depois que eu *lavei as mãos* – ela se virou na direção de Regulus e lançou um olhar matador – ele me perguntou se eu estava pronta. Disse que sim e fechei os olhos. Ouvi ele recitando um tipo de encantamento e a última coisa que senti foi seus braços segurando meu corpo antes de eu cair. Tive sonhos muito malucos nesse período. Parecia que eu tinha tomado alucinógenos, sei lá. Mas de resto foi tudo tranquilo até vocês me acharem.

Guilherme coçou a cabeça.

– Acho que fizemos mal juízo de Alabaster. Ele nunca tentou te matar de fato – Guilherme deu de ombros e se virou para Amanda, Nina e Regulus. – Mas, vocês tem que concordar comigo quê, dada às circunstâncias...

Amanda sorriu de um jeito talvez mais meigo que o normal para ele.

– De novo, você não está sozinho nessa. Todos nós pensamos muito mal dele.

– Principalmente eu – disse Nina.

Guilherme estava de saco cheio de metrô naquela noite. Voltariam de pégasos para o Acampamento Meio-Sangue, isso se os animais não sentissem uma preguiça maior naquele frio. Pégasos tendem a sentir essa estranha moleza nessa época do ano.

Cruzaram alguns quarteirões e procuraram um local ideal para chama-los sem serem vistos. Um beco seria perfeito, mas e se houvesse monstros recém saídos do inferno? A turma foi surpreendida antes de se aventurar nas vielas de

Nova Iorque. Uma van preta encostou bem próximo a eles. A porta de correr deslizou para o lado e uma menina bonita apareceu. Não devia nem ter quinze anos. Elas os encarou alguns segundos e depois pediu:

– Entrem! Rápido! Precisamos ir logo!

O estranhamento tomou conta de Guilherme. Quem era aquela garota? Como ordenava que todos entrassem assim, sem mais nem menos? Justo no dia que eles quase levaram a pior contra Lâmia, uma deusa maluca e monstros nórdicos. Uma outra voz feminina vinda lá de dentro do carro, do banco do motorista, atraiu ainda mais a sua atenção.

– Guilherme, pessoal, venham logo, pelo amor dos deuses!

A súplica foi um pouco mais gentil e a voz familiar. Guilherme entrou, acompanhado de seus amigos. Na parte de trás, além da menina, estavam um rapaz de uns quinze anos mais ou menos e uma menininha de cabelo laranja e roupa estranha, parecida com a da Pocahontas, só que em versão menor, *bem* menor. Ela devia ter uns oito anos no máximo, chutou Guilherme. Ele voltou-se para a motorista. Viu uma cabeleira loura ondulada. Quando ela se virou, seus olhos cinzentos encontraram os dele.

– Algo de *muito* estranho está acontecendo. Ainda bem que nos encontramos. Precisamos ir logo ao Acampamento Meio-Sangue – disse Annabeth.

CONTINUA...

# Sobre o Autor

Luís Felipe Nogueira nasceu no Rio de Janeiro em 1988. Hoje, mora com a namorada na cidade de São Paulo. Adora mitologias em geral, por isso a idéia de unir duas das maiores histórias sobre deuses em um só livro.

Outras histórias criadas por Luís Felipe foram Um Conto de Amor e A Casa dos Chase, ambos sobre o mundo de Percy Jackson.

